

10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40  
41  
42  
43  
44  
45  
46  
47  
48  
49  
50  
51  
52  
53  
54  
55  
56  
57  
58  
59  
60  
61  
62  
63  
64  
65  
66  
67  
68  
69  
70  
71  
72  
73  
74  
75  
76  
77  
78  
79  
80  
81  
82  
83  
84  
85  
86  
87  
88  
89  
90  
91  
92  
93  
94  
95  
96  
97  
98  
99  
100

8  
118  
2



8

118

2

# ANUÁRIO

DA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1950-1951



COIMBRA

1951



110

28

# ANUÁRIO

DA

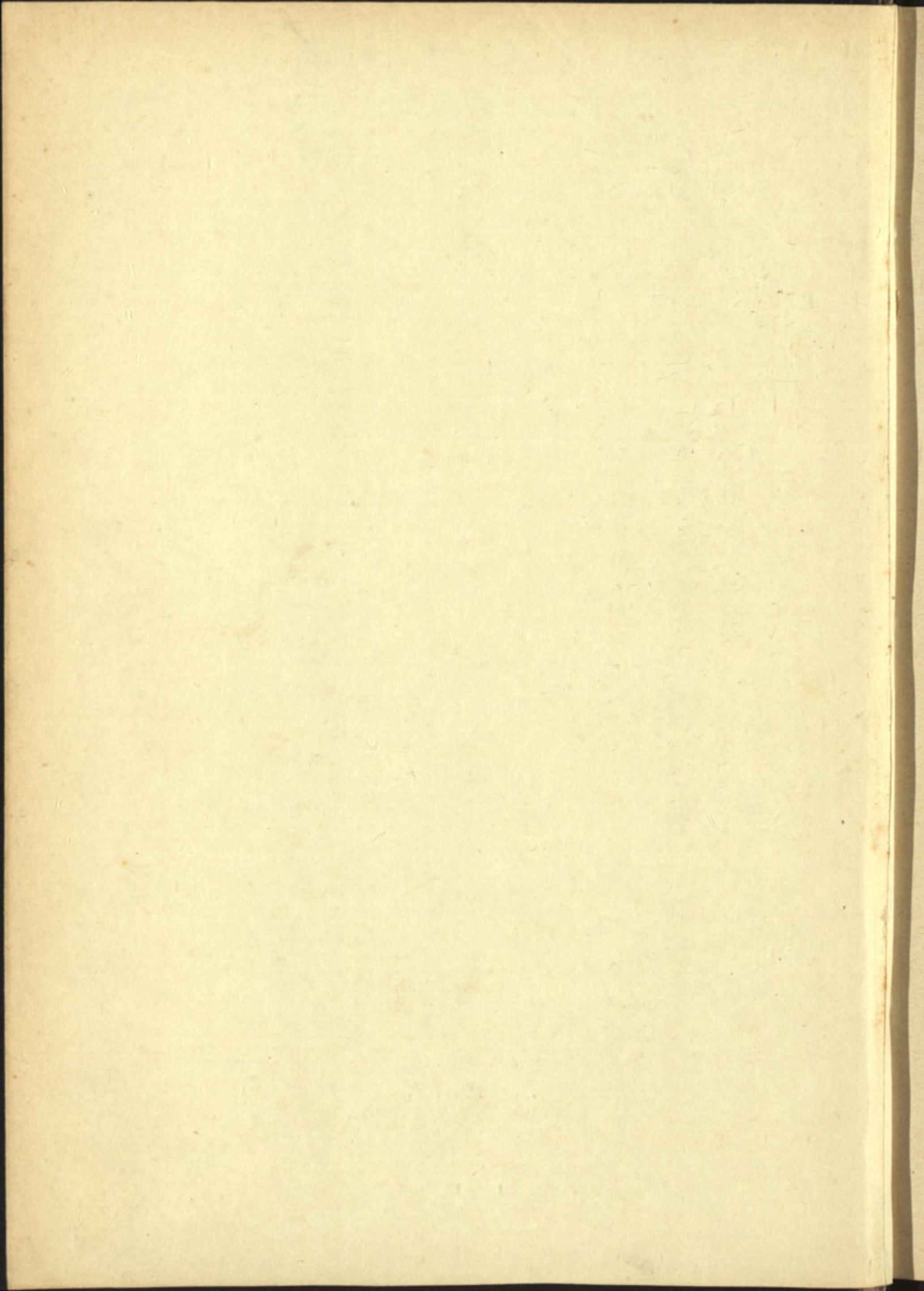
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

—  
1950-1951



COIMBRA

1 9 5 2



ANUÁRIO  
DA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
—  
1950-1951

LIBRARY

OF THE

UNIVERSITY

OF CALIFORNIA



# ANUÁRIO

DA

## UNIVERSIDADE DE COIMBRA

—  
1950-1951



COIMBRA

1 9 5 1

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA  
DE COIMBRA, LIMITADA — LARGO DE  
S. SALVADOR, I A 3 — COIMBRA

# I

## RELATÓRIO

(Lido em 20 de Outubro de 1950 pelo Ex.<sup>mo</sup> Reitor,  
Doutor Maximino José de Moraes Correia)

EX.<sup>MO</sup> SENHOR MINISTRO DA EDUCAÇÃO NACIONAL  
EX.<sup>MAS</sup> AUTORIDADES  
PREZADOS COLEGAS  
SENHORES ESTUDANTES  
MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES

Mais um ano se escoou da inexorável ampulheta do tempo. De novo se abrem as portas deste velho Solar do Espírito Lusitano para congregar energias, boas vontades e dedicações, na nova tarefa de aprender e ensinar. *Aprender e Ensinar!* Duas palavras que parecem extremar campos, dividir actividades, separar pessoas, e são, afinal, a indissolúvel ligação entre professores e estudantes, o docente e o discente, neste conjunto que há-de ser harmónico para ser eficiente, a «Universitas Scholarium et Magistrorum».

Hoje mais do que nunca urge que esta ligação e interdependência seja perfeita e profundo o entendimento, que a função de uns e outros se complete e se harmonize.

Distanciados pela idade, estudantes que se preparam para o futuro e mestres que buscam no passado a ponderação e a experiência, hão-de compreender-se e estimar-se, transigir no possível, colaborar na obra que é de todos porque é da Pátria.

Se dificuldades materiais, por vezes angustiosas, nos tornam árdua a tarefa, mais valor tem o seu desempenho cabal, mais digna de louvor a dedicação de todos para levar a bom termo o cumprimento dos deveres. E é justo que neste momento e neste lugar a Universidade de Coimbra, pela voz de quem a representa, testemunhe ao Governo da Nação o seu agradeci-

mento sem restrições pela renovação material de que está sendo objecto, base do incremento científico a que todos aspiramos.

Do interesse atento do Governo mais uma vez temos esta tão grata prova.

A presença de Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro da Educação Nacional, Professor distintíssimo da nossa Faculdade de Direito que, desde que faz parte do Governo, sem se prevalecer do alto cargo que desempenha, sempre tem querido estar presente neste acto de inauguração do ano escolar, no meio dos seus pares. A Sua Ex.<sup>a</sup>, a quem a Universidade de Coimbra e o seu Reitor devem as mais disveladas atenções e solitudes, endereço respeitosos e cordiais cumprimentos, certo de que nestes sentimentos comungam todos os presentes.

Não foi possível a Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro das Obras Públicas aceitar o convite que pessoalmente lhe dirigimos para estar presente nesta sessão; mas desde já afirmamos a nossa gratidão pela fecunda actividade que tem desenvolvido para activar as obras da cidade universitária, de que a sua visita no passado dia 26 de Setembro constitui mais uma evidente prova.

Uma jubilosa coincidência veio proporcionar-nos o grato ensejo de poder saudar efusivamente, em nome da nossa multiseccular Universidade, os componentes da 2.<sup>a</sup> Conferência da Comissão Permanente da União de Berna e, em especial, o seu eminente Presidente, Senhor Dr. Júlio Dantas, agradecendo a sua visita e emitindo o voto de que do seu labor resulte para as coisas do espírito o proveito que é lícito esperar das altas personalidades que a constituem.

\* \* \*

Culmina nas efemérides universitárias do ano lectivo transacto a visita e doutoramento «honoris causa», na Faculdade de Direito, do Generalíssimo Franco, Chefe do Estado Espanhol.

A Universidade de Coimbra viveu horas de intensa vibração espiritual.

A presença, dentro dos seus veneráveis muros, de altas individualidades portuguesas e espanholas, ministros dos dois Governos, dignitários da Igreja — entre eles o representante do doutorando, Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, Doutor D. Manuel Gonçalves Cerejeira — a ordem e dignidade com

que decorreram a cerimónia do doutoramento académico, o banquete de gala e a recepção, tudo contribuiu para que esta visita ficasse assinalada como um dos mais altos momentos que o Chefe de Estado Espanhol passou em Portugal e acrescentasse mais uma fulgente página à gloriosa história da nossa querida Universidade.

\*

Em sessão de 8 de Novembro, congratulou-se o Senado Universitário pela atribuição do Prémio Nobel da Medicina ao Professor Doutor Egas Moniz, cuja vida académica e acesso ao professorado decorreram, como é sabido, nesta Universidade. Em Abril, os estudantes prestaram homenagem de grande relevo ao mesmo insigne Professor, que visitou Coimbra a convite da Academia e realizou nesta Sala uma conferência a que assistiram inúmeros professores e alunos.

\*

O Cardeal-Arcebispo Primaz do Peru, Doutor Juan Gualberto Guevara, acompanhado de S. Ex.<sup>a</sup> o Ministro Plenipotenciário, Professor Doutor Jorge Mac-Lean y Estenós, visitaram em quatro de Julho a Universidade de Coimbra, onde, além das autoridades académicas, eram aguardados por Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro da Educação Nacional e Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Arcebispo-Bispo-Conde de Coimbra.

O Senhor Ministro do Peru era portador de uma mensagem de saudação afectuosa, dirigida pela Universidade Maior de S. Marcos de Lima, a mais antiga Universidade do continente americano, à Universidade de Coimbra. A sua leitura revestiu-se de solenidade e constituiu uma afirmação de solidariedade espiritual entre dois países amigos.

\*

Muito recentemente, durante as comemorações de São João de Deus, o Santo português que pela caridade se antecipou séculos à razão e à ciência de Esquirol e de Pinel, visitou a Universidade, acompanhado pelo seu colega português, o Senhor Ministro da Justiça de Espanha.

\*

Por atingir o limite de idade, deu a sua última aula o Doutor Eusébio Barbosa Tamagnini de Matos Encarnação, que durante mais de 4 décadas prestigiou o ensino e a ciência. A essa aula estiveram presentes o Senhor Director-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, o Reitor e um grande número de professores universitários e alunos. Por portaria de 27 de Setembro de 1950, publicada no Diário do Governo de 30 do mesmo mês e ano, foi esse Professor, nos termos mais honrosos, nomeado Director honorário do Museu e Laboratório Antropológico da Faculdade de Ciências.

\*

A Universidade deplora a morte de três Professores. O Doutor António Nunes da Costa, da Faculdade de Medicina, em plena actividade, cirurgião distintíssimo, tendo diante de si um futuro de largos horizontes, súbitamente, sem que nada o fizera prever, foi-nos arrebatado, deixando na Faculdade uma lacuna muito difícil de preencher. De cultura sólida e vasta, disciplinado e sempre pronto a sacrificar os interesses pessoais, a sua vida dentro da Faculdade foi um alto exemplo de nobre dedicação e afervorado amor à Instituição que denodada e brilhantemente serviu.

O Doutor Lúcio Martins da Rocha, também da Faculdade de Medicina, estava retirado da vida docente há já 15 anos. Foi um professor de raras qualidades de inteligência e de bondade, cujo bom senso, temperado pela experiência, prestou, em período bem difícil, relevantes e inestimáveis serviços à sua Faculdade.

O Doutor João Gualberto de Barros e Cunha, da Faculdade de Ciências, falecido há poucos dias, estava também há anos fora da vida docente, pelo limite de idade; mas, apesar disso, enquanto as forças o não traíram, trabalhou sempre, frequentando assiduamente o Instituto de Antropologia, assistindo e participando em certames científicos e interessando-se sempre pela vida universitária. Homem de bem e homem de ciência, o seu nome era conhecido e respeitado nos meios científicos nacionais e estrangeiros.

Aqui prestamos à memória dos queridos Colegas caídos a homenagem de comovida saudade e de profunda veneração.

\* \* \*

Da leitura dos relatórios dos directores de Serviços, Faculdades e Escola, pouco de novo há que mencionar, uma vez que a vida académica decorreu sem sobressaltos.

O desempenho das funções de cada organismo continua, no entanto, difícil, pela carência, já várias vezes apontada, de material e de pessoal.

Apenas um Serviço, o Arquivo, se mostra satisfeito, depois que à remodelação material se seguiu a ampliação do respectivo quadro de pessoal.

Mas, com excepção deste departamento, a exiguidade do pessoal docente e auxiliar assume aspectos que só uma verdadeira abnegação do pessoal existente pode vencer.

É certo que a Faculdade de Letras teve o privilégio de ver aumentado em três o número dos seus professores catedráticos, o que permitiu certo desafogo, mas persistem as precárias condições dos Intitutos de Línguas estrangeiras, por falta de conservadores. A Faculdade de Direito luta com inúmeras dificuldades pela escassez de pessoal docente.

As Faculdades de Medicina e de Ciências e a Escola de Farmácia mais uma vez reclamam a criação dos lugares de chefes de serviço e a ampliação dos quadros de assistentes, por forma a tornar proporcional o número de ministrantes de ensino prático ao acréscimo da população escolar nos últimos anos.

A exiguidade das dotações dos diversos serviços torna aflitiva as condições de vida de muitos laboratórios das Faculdades de Medicina e de Ciências e da Escola de Farmácia. Embora alguns Serviços, como o Laboratório Químico e o Instituto de Anatomia Patológica, tenham sido já beneficiados mercê da acção decisiva do nosso Ministro, outros serviços há que não lograram ainda ver satisfeitas as suas necessidades mais prementes. Por outro lado, como noutros relatórios fizemos notar, a utilização das magras verbas orçamentais está por tal forma dificultada e laqueada por peias de toda a ordem, que urge simplificar o regime administrativo em que vivem as Universidades.

Felizmente que temos o grato prazer de anunciar que está em elaboração um diploma que virá remediar muitos dos inconvenientes existentes. Não devemos perder este ensejo de agradecer ao nosso Ministro a interferência decidida com que arreudou da Faculdade de Medicina uma medida de excepção que não lhe permitia utilizar a verba do Orçamento para publicações.

\*

Os regimes de estudo terão de sofrer correcções mais ou menos profundas.

A Faculdade de Direito é de unânime parecer que o seu plano de estudos e os exames sejam modificados. A Escola de Farmácia deseja ver modificada a disposição da exigência da nota de 14 valores aos seus diplomados para poderem ingressar na licenciatura. O Decreto n.º 37.040, que corrigiu alguns dos fundamentais vícios de que enfermava o ensino médico, necessita também de uma revisão que, estamos certos, não virá longe.

\*

As publicações da Universidade de Coimbra, um dos seus títulos de crédito e prestígio, mantêm-se através das maiores dificuldades. O encarecimento dos materiais e da mão de obra não tem sido contrabalançado pelo acréscimo das dotações respectivas, de modo que umas correm um risco mortal, outras vão-se emaciando, sinal certo de inanição progressiva. E, no entanto, vêm de longe, de todos os cantos do mundo culto, solicitações prementes de permuta ou de oferta dos «Acta Universitatis Conimbrigensis», de que este ano se publicaram seis notáveis volumes, e de várias publicações periódicas das Faculdades.

A Escola de Farmácia e a Faculdade de Medicina sentem com particular acuidade o desnível a que me refiro.

No entanto, a despeito de todas as dificuldades, a produção científica do ano conta no seu activo a publicação do xxv vol. da «Biblos», do II da «Humanitas», do vol. v da «Brasília», da Revista da Faculdade de Ciências, de 25 trabalhos da Faculdade de Direito, de mais de 50 da Faculdade de Medicina, de 17 da Escola de Farmácia, além do que respeita ao Arquivo e à Biblioteca.

Notável pela largueza e complexidade de que se revestiu foi a participação da Universidade em certames científicos estrangeiros. Nas solenidades e sessões científicas comemorativas do X aniversário da fundação do Conselho Superior de Investigações Científicas, realizadas em Madrid, tomou parte uma delegação de professores das Faculdades de Direito, Medicina e Ciências, como convidados do Governo espanhol. A Faculdade de Direito esteve presente no Congresso de Ciências Administrativas de Florença e no Congresso Internacional e Penitenciário da Haia. A Faculdade de Medicina esteve representada no Congresso Internacional de Barcelona, no Congresso Luso-Espanhol de Hidrologia de Madrid, no Congresso Internacional de Criminologia de Paris, no Congresso Internacional de Cardiologia de Paris, no Congresso de Anatomia de Lião e no Congresso de Psiquiatria de Paris.

A Faculdade de Ciências tomou parte no II Congresso Luso-Espanhol de Hidrologia, a convite do British Council um seu professor visitou o Jardim Botânico de Kew, o Museu Britânico de História Natural e outras instituições congêneres; um outro professor da mesma Faculdade visitou o Observatório Astronómico de Meudon.

Finalmente, neste momento, a nossa Universidade, pelas suas Faculdades de Letras e de Direito, está representada no «Colloquium» Luso-Brasileiro de Washington e nas Comemorações do XIV Centenário da chegada de S. Martinho de Dume à Península.

Muitos cientistas estrangeiros, alguns de renome internacional, visitaram a nossa Universidade, realizando conferências nas Faculdades de Letras, Medicina e Ciências, e muitos dos nossos professores as realizaram também em vários centros científicos nacionais e estrangeiros.

Bolseiros da nossa Universidade fizeram estadias em países europeus e na América, e os nossos centros de estudo foram frequentados por alguns estrangeiros; em especial, a nossa Biblioteca Geral pôde dar plena satisfação a vários cientistas que nela prosseguiram as suas investigações.

\*

Com pleno êxito realizaram-se o XXVI Curso de Férias da Faculdade de Letras e o XIII da Faculdade de Medicina. O primeiro teve uma larga frequência de estrangeiros e foi assinalado pelo notável êxito científico e pela camaradagem que entre esses estrangeiros se estabeleceu; ingleses, franceses, espanhóis, belgas, suíços, italianos, holandeses, suecos e americanos colaboraram numa réeita de confraternização, sendo eles próprios organizadores e artistas.

O XIII Curso de Férias da Faculdade de Medicina teve como colaboradores, além dos professores da nossa Faculdade, alguns distintos mestres de outras Faculdades e Institutos. O seu êxito científico foi notável e a sua organização representa um grande e louvável esforço da Faculdade de Medicina, que até agora não teve nesta iniciativa qualquer ajuda oficial, tantas vezes solicitada e até prometida.

\*

Cumpre-nos mencionar e agradecer a benemerência dos Senhores Dr. João Jardim de Vilhena, Engenheiro José Caetano Salema Garção, Coronel Belisário Pimenta e Doutor Eusébio Tamagnini, que ofereceram ao Arquivo da Universidade retratos, documentos e outras espécies de valor.

#### ASSUNTOS ACADÉMICOS

Com a instalação da Associação Académica no antigo Convento dos Grilos, que, completamente remodelado, constitui um magnífico edifício, não ficou resolvido o problema da Casa dos Estudantes. Bem sabemos que esta instalação é provisória, mas o facto de se tratar da adaptação de um edifício que tem outra finalidade basta para nos distanciar de uma solução sofrível. No entanto, sendo o edifício muito mais vasto, explicam-se os apuros em que os estudantes e a Reitoria se vêem para ocorrer às simples despesas da sua manutenção.

Há que reforçar a verba inscrita no Orçamento para actividades circum-escolares, pois as receitas da Associação não cobrem, infelizmente, essas despesas normais.

A vida cultural dos estudantes manifestou-se em publicações, conferências e serões de arte. Foram publicados alguns números da «Via Latina», com boa colaboração, e dentre os conferentes já se aludiu ao Professor Doutor Egas Moniz, a quem a academia tributou grande manifestação de apreço.

Descerrou-se uma lápide na Associação Académica e promoveu-se um serão de arte em honra do mesmo Professor, em que colaboraram todos os organismos culturais da academia.

Referência especial merece a actividade desses organismos. A Tuna, o Orfeão e o Teatro dos Estudantes, mercê de uma alta compreensão dos seus dirigentes e da competência e dedicação dos directores artísticos, têm contribuído para elevar o bom nome da academia conimbricense e o prestígio da nossa Universidade.

\*

Além de várias exhibições em Coimbra e noutras terras do País, há que referir a viagem triunfal do Orfeão às nossas Províncias Ultramarinas e a do Teatro dos Estudantes à Alemanha.

Já no relatório de há um ano fizemos leve referência à viagem do Orfeão, quando ainda os nossos estudantes pisavam o solo de Angola, aludindo às informações que de várias fontes nos chegavam e traduziam um entusiasmo indescritível das populações e uma gratidão profunda por quem promovera e auxiliara tão grata embaixada. Depois, a chegada a Coimbra foi uma noite de apoteose em que a cidade em peso recebeu com irreprimível entusiasmo os estudantes que desfilaram em cortejo até à Câmara Municipal, onde as entidades oficiais os receberam com as expressões do maior carinho e reconhecimento.

Pouco tempo decorrido, os orfeonistas organizaram uma interessantíssima exposição de fotografias, gráficos, objectos gentílicos, etc., a cuja inauguração assistiu, em representação de Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro das Colónias, o Senhor Dr. Braga Paixão, que à iniciativa da viagem do Orfeão prestou as maiores sollicitudes.

Foram os orfeonistas acompanhados por um professor da Faculdade de Direito, que pela sua excelente acção foi louvado pelo Senado Universitário.

Aproveitando uma reunião dos antigos com os actuais orfeonistas, Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro das Colónias deslocou-se a

Coimbra, tendo imposto ao estandarte do Orfeão Académico as insígnias da Ordem do Império Colonial, com que o Governo agraciou aquela agremiação.

\*

A convite do Professor Leyhousen, deslocou-se o Teatro dos Estudantes à Alemanha para tomar parte na Primeira Delíada de Mogúncia, competição internacional de grupos congêneres, patrocinada pela UNESCO.

Não tendo sido possível conseguir um subsídio oficial, o Professor Leyhousen, após várias diligências, telegrafou ao Director Artístico do Teatro dos Estudantes, comunicando que transporte, alimentação e alojamento tudo seria custeado pela organização, a qual atribuiria ainda a cada estudante uma pequena verba como ajuda de custo.

Pelas notícias chegadas até nós, depois confirmadas inteiramente, tal viagem foi coroada dos melhores resultados. Tudo decorreu sem qualquer incidente desagradável e o êxito artístico foi clamoroso por forma que os aplausos à Trilogia das Barcas, de Gil Vicente, excederam toda a expectativa. Para isso contribuiu o texto alemão, tradução do ilustre Director Artístico do Teatro dos Estudantes, que foi distribuído pelos assistentes, os quais assim puderam seguir e compreender o desenrolar das cenas magistralmente tratadas por Gil Vicente: e assim também o fundador do nosso teatro pôde ser apreciado por gente culta da França, Bélgica, Alemanha e Inglaterra.

\*

A Sociedade Filantrópico-Académica, mercê de uma direcção extremamente dedicada e proficiente, à qual me cumpre renovar os agradecimentos da Universidade, continua a alargar a sua acção benfazeja. A inauguração do novo refeitório, em óptimas condições materiais, proporcionadas pela Comissão da Cidade Universitária, foi levada a efeito; tem-se mantido o refeitório em funcionamento eficiente, como todos hão-de atestar, o que constitui um grande benefício para aqueles que podem e querem utilizá-lo.

Cumpre-nos louvar e agradecer o gesto do Professor Doutor José Bacalhau, que fez a avultada dádiva de 40 contos a esta benemérita instituição.

\*

Continua a Reitoria a socorrer alguns estudantes em precárias condições materiais, impossibilitados de recorrer à isenção de propinas e ao auxílio da Sociedade Filantrópico-Académica. Algumas verbas se têm conseguido da generosidade de particulares.

E tem-se alargado a assistência médica a estudantes pobres e doentes, com a boa vontade do corpo clínico e do Senhor Director dos Hospitais da Universidade, sempre pronto a atender as nossas solicitações, pelo que aqui lhes exaramos profunda gratidão.

\*

Não deixa de sentir-se a necessidade urgente de se regular o desporto universitário; ocioso se torna referir as razões que militam para a resolução de tal problema.

Em relatórios anteriores temos apresentado o panorama actual do desporto académico em Coimbra, em que, quanto antes, se torna necessário intervir. Auxílio e regulamentação, selecção cuidadosa e aproveitamento dos verdadeiros valores para certas competições, possibilidade de revigorar a juventude por uma vida sã, com ginástica e atletismo moderados, mas obrigatórios. O problema, bem o sabemos, é demasiado complexo para se resolver com acerto, pois implica outros que com ele directamente se prendem: as condições de vida e do regime de estudos, por exemplo.

Do que está é que nada de bom há que esperar. Basta dizer que a grande maioria dos estudantes não pratica qualquer desporto, mas vive apaixonadamente, doentamente, uma única modalidade. Há que fazer derivar tal entusiasmo para o revigoramento próprio. Essa a grande tarefa que se impõe.

\*

Não desejo terminar estas considerações acerca das actividades académicas sem louvar a direcção da Associação Académica pelo aprumo com que se desempenhou dos seus deveres,

demonstrando um zelo e um escrúpulo inexcedíveis na administração da sua Casa, o que bem afirmado fica no excelente relatório da gerência do ano lectivo de 1949-1950.

#### CIDADE UNIVERSITÁRIA

Com a possibilidade de deslocar grande número de moradores da Alta para os bairros chamados da Porcelana e do Calhabé, puderam acelerar-se, como é notório, as demolições. Com a instalação do Instituto de Antropologia em S. Bento e a demolição da anterior sede, Colégio de S. Boaventura, encontra-se finalmente livre todo o espaço destinado para a Faculdade de Medicina. É com íntimo regosijo que posso anunciar que estão já abertos os caboucos e começaram a lançar-se os alicerces desse edifício, que será o mais vasto de todos os que hão-de erguer-se na Cidade Universitária de Coimbra. As terraplanagens, porém, ainda não estão completas, pois esse trabalho tem sido bem mais árduo do que se conjecturou, por terem de remover-se grandes massas de rocha pura.

Também a área para o edifício da Faculdade de Ciências, Secções de Matemática, Física e Química, vai sendo liberta, e encontram-se bastante adiantados os estudos para o respectivo projecto.

A nova Faculdade de Letras está virtualmente pronta, e, como foi prometido, ainda este ano ali poderão funcionar as aulas. Deu-se início à modificação da fachada da futura Biblioteca, e o Instituto Botânico, bem como o novo Observatório, estão praticamente concluídos.

Também ainda neste ano lectivo os pavilhões do chamado Manicómio Sena poderão receber os doentes do Hospital do Castelo.

Houve necessidade de introduzir certos arranjos no Paço das Escolas, por motivo da visita do Generalíssimo Franco. Basta lembrar que a instalação eléctrica da Reitoria foi toda levantada e posta de novo e que houve que iluminar a Sala dos Capelos, a Capela e a Biblioteca, ficando todos estes departamentos com uma iluminação de efeito surpreendente.

Esta remodelação e larga beneficiação, que chegou a muitos outros sectores do edifício central da Universidade, há que agra-

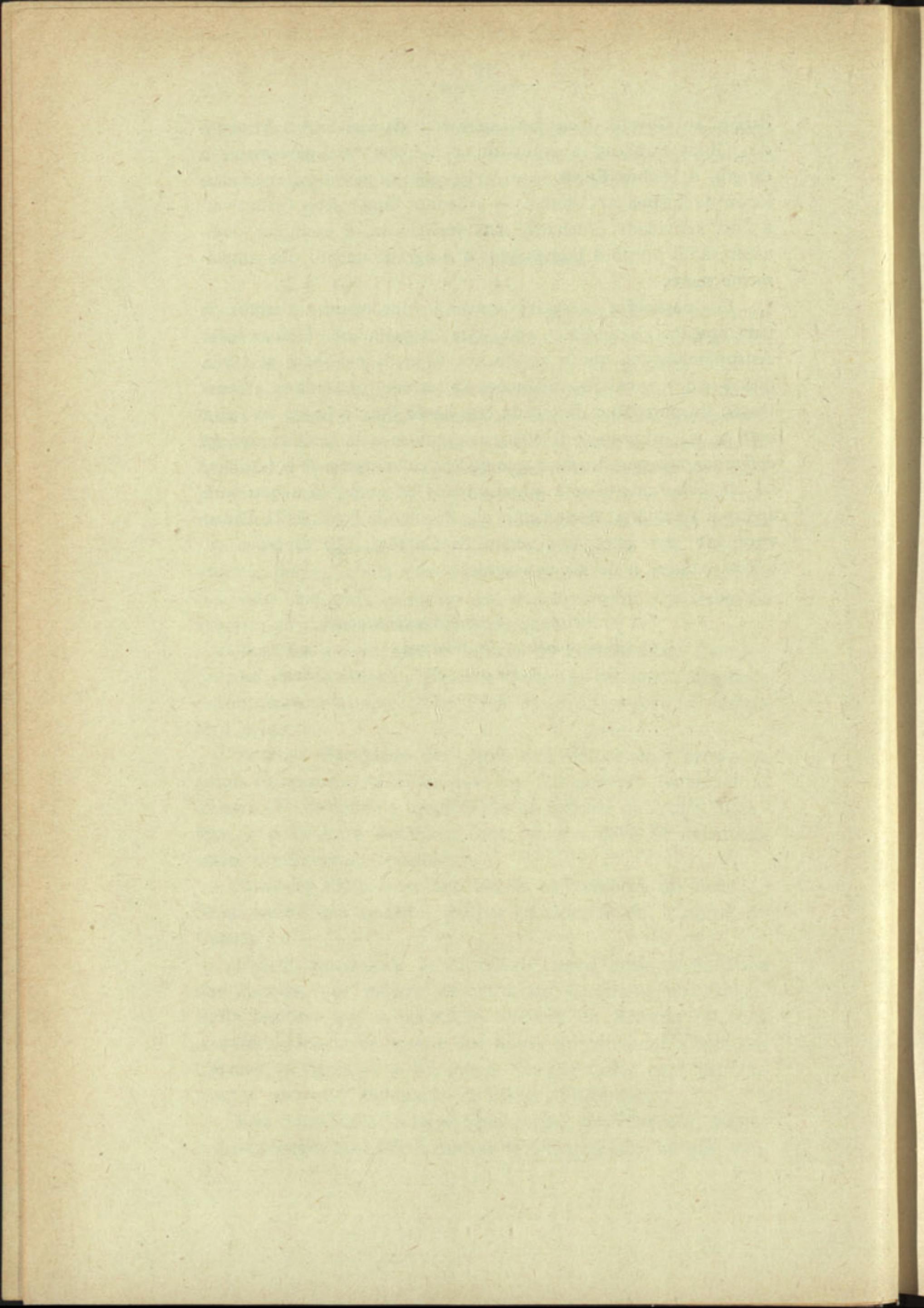
decê-la ao Governo que, por intermédio de Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro das Obras Públicas, a autorizou, e a quem infatigavelmente a dirigiu, o Senhor Eng.<sup>o</sup> Sá e Melo, que inúmeras vezes se deslocou de Lisboa a Coimbra, e o Senhor Eng.<sup>o</sup> Reis Gonçalves, a cuja actividade ordenada, mas vertiginosa, e exemplar dedicação, aqui presto a homenagem e o agradecimento que amplamente merece.

Foi possível e necessário entrar já por certos trabalhos de urbanização. Necessário pelo que respeita ao Observatório Astronómico, em que o acesso aos diversos pavilhões se torna difícil sem algumas regularizações do terreno. Iniciou-se a construção do paredão e da escada que há-de ligar o Largo da Feira com o antigo Largo de S. João, e rasgou-se toda a rocha viva da *colina sagrada* para traçar o que poderá chamar-se a «Via Latina».

Já pode antever-se a grandiosidade do conjunto a que dará acesso a Escadaria Monumental e o Pórtico da Praça de D. Dinis, encimado por estes dois versos de Camões, que esperava da «Alma Mater» a devida consagração:

*Fez primeiro em Coimbra exercitar-se  
O valeroso ofício de Minerva*

.....  
.....  
.....



## II

# ORAÇÃO DE SAPIÊNCIA

(Proferida em 20 de Outubro de 1950  
pelo Doutor Augusto Pais da Silva Vaz Serra)

## MEDICINA DE HOJE E DE SEMPRE

EX.<sup>MO</sup> SENHOR MINISTRO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

EX.<sup>MO</sup> SENHOR REITOR

EX.<sup>MAS</sup> AUTORIDADES

SENHORES PROFESSORES E DOUTORES

SENHORES ESTUDANTES

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES

É costume, neste discurso de introdução do ano escolar, fazer-se, como manda o protocolo, o elogio da ciência, escolhendo em regra o orador o assunto predilecto das suas preocupações intelectuais.

A exaltação da ciência em si, das verdades que encerra, suas perspectivas, tem sobretudo por fim atrair o espírito dos ouvintes para o culto pertinaz, estreme, absorvente, apaixonado, do conhecimento dos fenómenos da natureza.

Não é difícil divagar hoje sobre tal questão.

Uma meditação, por mais leve que seja, sobre os progressos conquistados, nos últimos tempos, em qualquer capítulo da ciência e nomeadamente das ciências médicas, deixa-nos uma impressão de assombro. Quando se lê Bergson afirmar, em 1914, que «nos últimos 100 anos a humanidade fizera mais progressos na ciência e na técnica que em todo o caminho desde a sua origem» e se comparam os conhecimentos daquela época com os actuais, sente-se uma apreensão perante a rapidez quase sobre-humana como certas descobertas surgiram e outras estão em perpétuo desabrochar.

A ciência em si é coisa maravilhosa. Atrai e seduz.

Levantar a ponta do véu, suprimir incógnitas, apagar as sombras, deixar que o sol ilumine largamente o campo observado, é empresa empolgante.

É preciso amar a ciência porque ela é uma grande obra do espírito, afirmou L. de Broglie. No trabalho incessante de substituir os factos às aparências e as demonstrações às impressões, segundo a expressão de Ruskin, encontra o homem amparo e estímulo sempre vivos.

Dedicar-se a um problema, aprofundá-lo e alargá-lo, esclarecê-lo nas minúcias mais subtis, compreendê-lo em toda a sua extensão, dá ao homem, apesar das dificuldades que teve de dominar, uma satisfação e serenidade incomparáveis.

Só o trabalho e a embriaguez de criar infundem sabor na vida, deixou-nos, em tempos, Miguel Ângelo. Eis porque em torno da ciência vemos hoje tecerem-se louvores e hinos que a elevam quase à categoria de suprema aspiração humana.

Filósofos e académicos, como Littré, escritores como Renan, matemáticos e físicos, como Poincaré e Joliot-Curie, pensadores como Ostwald, não hesitaram em alterar a fórmula natural da «ciência pela vida», querendo justificar como mais admissível a de «ciência pela ciência».

Modernamente ainda se vai mais longe. Os progressos e as maravilhas da ciência são de tal monta que se justifica a inversão total da primitiva proposição. O homem deve dar-se inteiramente à ciência, ter nela fé absoluta. Em vez de ciência pela vida, antes a vida pela ciência: o homem ao serviço da ciência. Cria-se uma nova maneira de ser, um novo humanismo, o humanismo científico, segundo o qual o homem só é homem na medida em que acredita na virtude magnífica desta nova deusa que pretende isoladamente conduzir o mundo.

Desde longe se afirma ser a medicina simultaneamente arte e ciência.

O primeiro médico que, pelos numerosos escritos, de si deixou imperecível memória, foi grande porque soube observar, compreender e aplicar os frutos de uma experiência esclarecida.

Deixando-nos a máxima «*Ars tota in observatione*», quis-nos dizer que a medicina era fundamentalmente uma arte pessoal de observação e que quem soubesse utilizá-la, com suficiente meticulosidade e largueza, estaria em condições de proveitosamente a exercer.

Durante longos tempos assim foi. Até à segunda metade do século XIX pode dizer-se que a medicina e as suas descobertas viveram, quase exclusivamente, da observação directa do doente. E temos de reconhecer que a ela se devem notáveis progressos. Descrições clínicas que desde então não sofreram alteração, interpretações patogénicas que se reconheceu mais tarde como exactas, medidas semiológicas que as futuras descobertas não afastaram, foram devidas exclusivamente ao dom da observação meticulosa de clínicos e patologistas que nos legaram descrições eternas.

A clínica da febre tifóide, difteria, endocardite lenta, pleurisia sero-fibrinosa, asma brônquica, depois de Bretonneau, Osler, Landouzy, Laennec e Trousseau, não faz senão repetir-se.

A contagiosidade de certas doenças infecciosas foi reconhecida antes da descoberta dos gérmens causais.

O valor da percussão e da auscultação depois de Auenbrugger e Laennec não foi senão confirmado.

O aspecto da urina e a pesquisa da albuminúria eram considerados por todos os médicos que sabiam observar.

A segunda metade do século XIX traz-nos três descobertas que imprimem à medicina um impulso sem precedentes. A anestesia, os micróbios e os Raios X, tornando-se conhecidos, dão à arte médica uma radical transformação. De simples expectação e observância, a medicina, visto que conhece melhor, passa a compreender e daí a agir. Por outro lado, os trabalhos de Claude Bernard e a orientação por ele traçada a todo o investigador em medicina na «*Introduction à l'étude de la Médecine expérimentale*» conferem à nova medicina outros atributos além da observação. Dela passam a ser obrigatórios a «intuição, dedução e verificação», «o conflito, ou seja, a confirmação, ou a recusa, da ideia pelo facto», a necessidade da dúvida filosófica que, segundo as suas próprias palavras, «deixa ao espírito a liberdade e a iniciativa», a necessidade da «ideia como instrumento intelectual», o valor relativo do raciocínio, qualidades que completam a observação e que devem ser todas atributo da medicina.

«Tenho fé no fundo da medicina, escreveu Claude Bernard, e penso que no seu dia e hora atingirá o ideal científico com um determinismo tão rigoroso como o das ciências dos corpos brutos. Tomando a forma da medicina experimental torna-se ciência pura».

Os anos que desde então têm passado parece tenderem à confirmação desta profecia.

Novos factos, descobertas num ritmo progressivo e incessante, trajectórias até então inaparentes, certezas onde não havia senão vagas suspeitas, conferem à medicina contemporânea o fascinante prestígio das ciências tanto quanto possível exactas.

O médico actual, em qualquer capítulo da medicina encontra uma vastidão interminável de conhecimentos que lhe dão, quando bem utilizados, um domínio e uma satisfação que se não sentem com indiferença.

E ampliando o saber aprendeu simultâneamente a manejá-lo.

A técnica seguiu a ciência lado a lado, cada descoberta trouxe imediatamente a ideia da sua fácil utilização.

O homem que conhece e sabe é o que age e usa. *Homo sapiens, homo faber.*

Assim foram surgindo, em primeiro lugar, inúmeros métodos laboratoriais, radiológicos, de exploração e interrogatório de órgãos, aparelhos e sistemas, métodos em constante aperfeiçoamento, que se propõem dar ao médico uma certeza e precisão que lhe garantam estar no bom caminho.

Ao mesmo tempo, a terapêutica foi vivendo de idênticas ou novas descobertas, conseguindo sucessos cada vez maiores.

Pode-se dizer, sem exagero, que toda a doença ou síndrome mórbido pode servir para justificar estas afirmações.

Suponhamos, por exemplo, a vulgar dor de garganta que se eterniza. O doente, no caso presente do sexo feminino, tem uma sensação dolorosa vaga e discreta, mas quando engole queixa-se que lhe dói intensamente a orofaringe, dor que se continua na parte alta do esófago. Não há temperatura, estado geral bom e, localmente, apenas rubor e brilho anormais. Tratamentos sem grande resultado. Um médico esclarecido pensa que esta banal angina eritematosa não é uma doença, mas um sintoma duma doença geral; nota a palidez e cansaço da doente, regista a idade por volta dos 40, toma conhecimento de perturbações vagas de colite crónica, repara na língua e mucosa bucal sem cor, mas luzidias, e manda fazer um exame do sangue, que lhe confirma o diagnóstico suspeitado de anemia por falta de ferro.

Umhas hóstias deste medicamento resolvem facilmente o mal de que já se desesperava.

Uma icterícia aparentemente banal entra na enfermaria hospitalar. Doente ainda novo, parece ter uma vulgar icterícia catarral por embaraço digestivo, das que têm uma tendência espontânea para a cura. Põe-se em movimento a série de análises que é de preceito fazer em tais doentes, e com surpresa se é obrigado a concluir estar sã o fígado, sendo a icterícia devida a obstáculo ao trânsito da biliar no colédoco, canal excretor daquele órgão. O doente não pode curar sem uma intervenção cirúrgica.

Um outro doente nota dificuldade da marcha, acompanhada de sensibilidades anormais nas pernas, guinadas, frio, calor, e quando circula parece não sentir os pés. Como que anda sobre cortiça. De exame em exame o médico não tem dificuldade em fazer o diagnóstico de síndrome neuro-anémico, para o qual dispõe de terapêutica específica, uma das mais notáveis descobertas deste século.

A tuberculose pulmonar usufrui no momento actual os benefícios de um conhecimento e progressos terapêuticos incomparáveis. Das doenças que mais pesam no obituário e na morbilidade dum país, vislumbra-se hoje a possibilidade, senão do seu apagamento, pelo menos da sua limitação e cura. Perante um doente nestas condições o médico tem a felicidade de poder compreendê-lo, quanto à causa da doença, o modo como a causa agiu, quais as vias adoptadas pelo germen, a natureza e extensão das lesões, a sua sede nos brônquios ou nos alvéolos pulmonares, a existência ou não de cavernas e quais as esperanças da terapêutica.

Se causas estranhas não interferem, pode supor estar por vezes perante um problema com precisão matemática. O resultado está de antemão assegurado, desde que a *A* se junte *B*.

O mesmo se dirá em certas doenças do coração como, por exemplo, as miocardites, ainda ontem uma confusa nebulosa, e em que hoje uma técnica laboratorial admirável permite estudá-las com uma riqueza de particularidades quase anatómica.

A química, ou melhor, a físico-química das doenças do rim e do fígado, tornou-se complexa e difícil, em plena concordância, porém, com o interesse vital destes órgãos e a considerável satisfação fornecida pelos dados colhidos deste modo.

A diabetes é mal que pode ser compreendido em muitos dos seus aspectos. Desde que se disponha de um laboratório

qualificado, pode o padecente ser acompanhado rigorosamente em todos os seus distúrbios, desde a simples glucosúria benigna, à situação grave do coma diabético, que deixa de ter gravidade desde que o médico a conheça e possa estudar a tempo.

E o que se passa no vasto sector da endocrinologia é também exemplo de voo extraordinário tomado pelos nossos conhecimentos.

As alterações da tiróide, hipófise, supra-renal gónadas, são examinadas hoje, em si e nas suas interligações, com um rigor que, se muito longe do inteiramente satisfatório, nos deixa assombrados pelo muito e perfeito já conseguido.

Os problemas da nutrição, no que diz respeito aos princípios essenciais, proteínas, hidratos de carbono e gorduras, água, electrólitos e vitaminas, aperfeiçoaram-se e corrigiram-se.

Sabe-se a devida proporção que convém ao indivíduo são e que pretende continuar a sê-lo, e, o que é importante, esclarecem-se, cada vez melhor, os inconvenientes duma alimentação viciada em quantidade e qualidade e, como através dela, se, podem influenciar decisivamente certos quadros mórbidos.

Sem querer falar da cirurgia, onde o uso dos antibióticos, novos métodos de anestesia e de reanimação, conferem hoje uma segurança que permite todas as ousadias, temos de reconhecer que os progressos na medicina, sobretudo no segundo quartel do século presente, lhe incutiram uma força e juventude cujo alcance não pode ser ainda totalmente entrevisto.

Conhecem-se melhor as doenças dos órgãos mais frequentemente abalados, a hematologia, a endocrinologia, a patologia da nutrição, a neurologia, a psiquiatria; compreende-se dum modo mais completo o ser humano, indivíduo uno e indivisível onde um sofrimento local pode repercutir enganadoramente a distância; dominam-se as doenças infecciosas com as sulfamidias, sulfonas e os antibióticos; entrevê-se com a estreptomycinina a cura da tuberculose.

Uma falha se dirá existir em toda esta pletora de grandes descobertas, mancha negra entre as clareiras actuais. Sabe-se dessa doença que está espalhada por todo o mundo, não só entre os seres humanos como em todos os vertebrados e até nas plantas, que parece hereditária, surge traiçoeiramente sem causa e que, infelizmente, os nossos recursos contra ela são menos que limitados. Quando atinge um órgão dispensável, e tal é

observado a tempo, há que amputar esse órgão; quando invade um órgão vital ou um sistema, no todo ou em parte, nada há que fazer senão destruir localmente pelo rádio ou pela electricidade o tumor e os tecidos sobre que se apoia, destruição que se não puder ser total só dará transitórios benefícios.

Apesar das muitas incógnitas que protegem esta doença, alguns factos se conhecem sobre o cancro que nos permitem, pelo menos, a esperança de uma profilaxia útil e eficaz.

Assim, por exemplo, o cancro não é doença hereditária à qual os descendentes de cancerosos estejam fatalmente destinados desde que vivam tempo suficiente. As experiências com estirpes puras de animais, feitas neste sentido, permitem, quando melhor analisadas, esta conclusão, o que é consolador para os que sofreram deste mal nos seus antepassados.

O cancro é uma doença de pequenas agressões, desde que continuadas. Uma substância química, física ou hormonal, aparentemente inofensiva, desde que atinja o organismo animal de um modo persistente, repetido, pode tornar-se cancerígena.

Como lembra Charles Oberling, o cancro experimental é uma doença da paciência com que no mesmo animal se repetem as aplicações da substância nociva, quer sejam as pinceladelas com alcatrão, os seus derivados fenantrénicos, ou as injeções de foliculina e outros esteróides, entre nós estudados por Mosinger com tanto sucesso.

No homem, o cancro é doença de hábitos consentidos e repetidos, que podem mesmo não ser maus hábitos porque são costumes de todos. Não há dúvida de que a sede deste mal no estômago e fígado se pode explicar, por vezes, pela percentagem de vários alimentos e, sobretudo, pelo excesso de gorduras oxidadas e queimadas. A sua localização ao pulmão deve-se ao uso e abuso do tabaco e outras emanações tóxicas profissionais ou acidentais. O cancro da pele está na dependência da demasiada exposição à luz. Vícios hormonais ou disendocrinias são a causa fundamental dos tumores genitais da mulher e do homem. Sabe-se ainda que os vírus (gérmenes ou substâncias patogénicas vivas, mas invisíveis pelos habituais meios de observação) podem originar tal doença.

Eis umas pequenas certezas num *mare magnum* de ignorâncias.

Fundamentam-nos a esperança de que um dia virá, não longínquo, em que o médico consiga aqui a satisfação que hoje frequentemente o percorre noutros campos da medicina.

Esta rápida digressão serve-nos para mostrar a grande viragem da medicina actual. Evoluiu, transformou-se, aproximou-se do laboratório e aí foi buscar o seu grande bordão e progresso.

À física, química e biologia deve as grandes novidades.

O reconhecer-se mais forte, mais sábia, mais precisa, incute-lhe uma confiança e necessidade de aperfeiçoamento que são essencialmente, um acto de fé no destino da sua missão.

Não deixa de ser curioso anotar que à medida que assistimos ao desabar de tantas ilusões sobre as ciências supostas exactas, cresce a pretensão de encontrar essa fixidez nas ciências naturais e nomeadamente na ciência médica. Com uma certa ironia, lembra Robert Monod que hoje em física matemática se fala frequentemente em princípio de incerteza, indeterminismo generalizado, cálculo de probabilidades, causalidade estatística, onde ontem só se admitiam factos sólidos e inabaláveis. E é neste momento que a medicina procura esteios mais firmes para o seu progresso.

As consequências desta evolução são consideráveis.

Podemos encará-las sob um tríptico aspecto: o do médico, do doente e da prática da medicina em si.

Quanto ao *médico*, as qualidades que passam a exigir-se-lhe complicam-se e deformam-se.

Não lhe basta ser simpático, insinuante, conversador, convincente, irradiando esperança e fé em todas as palavras e gestos.

O *savoir faire*, em toda a sua subtileza e latitude, se é condição fundamental para vencer em sociedade, e fez o triunfo de muitos práticos antigos, só por si não basta.

O médico moderno tem de ser um eterno estudioso, amigo da ciência, respeitoso do laboratório, consciente da sua limitação.

Sem um estudo interessado e persistente não pode estar ao par dos progressos na matéria que cultiva. Factos novos, pontos de vista mais compreensivos, modernas orientações na terapêutica, surgem hoje, em ritmo veloz, obrigando-o a um permanente estado de alerta. Os institutos, laboratórios e hospitais retêm uma população, cada vez mais numerosa, educada e bem apetrechada, que, sem interrupção, tenta esclarecer e criar. O médico não pode ignorar os frutos desta acti-

vidade incessante. Já que nem sempre pode dela participar, apesar de hoje, com os estágios pós-escolares obrigatórios ou voluntários, se facilitar a todos o benefício da participação neste labor — deve pelo menos ter nela um interesse e curiosidade sempre vivos.

A velha oposição — tanto da simpatia de alguns estudantes mal informados — entre ciência livresca e ciência prática, tem de se esconder bem nas prateleiras bolorentas onde se arquivam as coisas do passado.

A ciência é uma só e o seu conhecimento indiviso. Impossível a sua aplicação sem o estudo. Estudando, sem desfalecimento, o médico vê fortalecer-se em si o entusiasmo, confiança e respeito pelas normas orientadoras do exercício da profissão escolhida.

O médico deve ser amigo, quando não puder ser colaborador, dos progressos da ciência.

A ela pertence a quase totalidade dos modernos meios de investigação e tratamento.

Se alguns surgiram bruscamente mercê do acaso, que não é senão intuição genial ou clarividência invulgar, a maioria cresceu lentamente da interrogação paciente, demorada, exaustiva, dos factos laboratoriais. Em ambos os casos foi a existência do espírito científico, o respeito e a crença na possibilidade da descoberta, o grande factor da nova conquista.

Se o médico deve à ciência a sua maior força, como pode viver sem ter por ela um inalterado amor?

Segue-se daí o apreço pelo laboratório, donde lhe vem um amparo e orientação em regra insubstituível.

Não me canso de insistir junto dos alunos: quando o médico não compreende tem de procurar no laboratório. Ali encontra, tantas vezes, surpresas, esclarecimentos, sugestões e directrizes que outro método de observação não lhe proporciona. Permite transformar a hipótese em certeza, a dúvida em facto, desfazer a sombra e a confusão. E fornecendo-nos dados concretos, indiscutíveis depois de discutidos, robustece a nossa fé na ciência médica de quem é filho dilecto.

O médico moderno não pode, finalmente, deixar de ser humilde porque cónscio da sua limitação. Não ignora que o diagnóstico fulgurante, repentista, é, em regra, um erro de diagnóstico, que apenas o prestígio do autor pode momentaneamente ocultar.

Evidentemente que a prática e o saber podem mais facilmente colocá-lo no bom caminho. Mas já que sabe e tem experiência, aprendeu a duvidar da simplicidade e da pressa que nada podem trazer de bom.

O clínico geral, o policlínico, como era costume dizer-se, não tem o direito de agir, frequentemente, sem a colaboração do especialista. O âmbito da investigação e do aperfeiçoamento tomou tal largueza que impossível se torna, mesmo a um indivíduo de excepção, abrangê-lo plenamente. A maior arte consiste em traçar-se um limite e isolar-se, deixou-nos Goethe, em frase lapidar. E um génio francês do final do século XVIII, falecido prematuramente aos 31 anos, mas que nos iluminou os métodos da actual medicina científica, Bichat, escrevia à data eloquentemente: «A universalidade dos conhecimentos no mesmo indivíduo é uma quimera. Quem somos, para ousar obter em vários pontos a perfeição que, a maior parte das vezes, nos escapa num só!» Pode ser-se perito num e noutro sector à custa de aplicação, aprendizagem, entusiasmo sem desfalecimento. Mas a perícia geral é impossível.

A soma dos conhecimentos atingiu um tal volume e diversidade que é frequente notarmos dentro do mesmo aparelho a preferência ser para este ou aquele órgão, e no mesmo órgão haver métodos de exame que merecem a categoria de verdadeira especialidade.

Não vemos, por exemplo, dentro da gastroenterologia, cardiologia e doenças pulmonares, constituírem especializações a esofagologia, a hepatologia, a proctologia, as doenças dos brônquios, a electrocardiografia? E dentro da electrocardiografia, não constitui quase uma nova especialização a vectografia?

O clínico geral poderá ser uma necessidade do meio, tradição, família ou simpatia, mas para estar à altura do seu dever tem de defender-se da tendência a quererem-no considerar de competência generalizada.

O bom clínico geral será apenas o que sabe da sua limitação e como esclarecer-se em caso de dúvidas. Já que a sabedoria multifacetada, omnímota, não é a da humana qualidade, resta-lhe o saber não tanto das suas possibilidades como das ignorâncias e meios de as rebater.

O *doente*, na sociedade médica moderna, tomou uma nova posição. Passou a ser essencialmente um objecto de estudo,

um problema para o qual se exige a solução adequada. Há que procurar as incógnitas, congregá-las e tirar o resultado.

As consequências imediatas deste modo de ver são, aparentemente, inconvenientes, de que o doente é, em regra, o primeiro a queixar-se, habituado como está, por educação familiar e ancestral, a supor, no médico, virtudes sobrenaturais que permitem ver e curar sem esforço do impetrante. De entrada 3 prejuízos: no tempo, na integridade física através de exames e colheitas indispensáveis, e na economia.

Mas sem isso nada se consegue.

É preciso observar circunstanciada e perfeitamente, examinar, interrogar, experimentar e só depois concluir. Tudo isso leva tempo, cansa e despesa, mas no final, o sucesso é mais frequente. E como é esse o grande objectivo, pouco a pouco ele se vai convencendo que tudo é feito por seu interesse e vantagem.

Uma esperança lhe é hoje legítima, mau grado os seus padecimentos, ou seja a de poder atingir uma idade cada vez mais avançada.

Uma medicina mais sábia e por isso mais salutar traz, fatalmente, como consequência, a subida na duração da vida, fenómeno consolador que as estatísticas em toda a parte registam. Surge, por isso, na sociedade moderna, em maior número, uma nova categoria de indivíduos que se se classificam como velhos por terem atingido os 70, são muito diferentes dos antigos porque não são decrepitos, doentes ou senis.

Têm uma fisiologia e patologia próprias, cujo estudo tem hoje foros de verdadeira especialização, mas são capazes de um rendimento senão material pelo menos espiritual, que atinge ou excede o da maturidade. *Senectus*, deixou de ser *morbis* para ser uma fase da vida, não de expectação e indiferença, mas de mais respeitáveis conhecimentos, da qual se não podem ignorar as luzes ou negar a iniciativa.

E, por isso, o *aspecto da medicina* torna-se igualmente novo. Medicina mais complexa, com mais especializações, melhor conhecida e por isso com mais aparelhagem, mais técnica, deixa de ser um exercício individual, para exigir o trabalho em comum dum grupo, colaborando todos na mesma finalidade.

A colaboração, a formação duma «*équipe*», torna-se indispensável. Cada um fornece o seu contributo do qual toma a

devida responsabilidade. Sabido que o organismo humano é um todo, e que excepcionalmente se encontra o sofrimento isolado a uma parcela, indispensável se torna associar as variadas observações e sugestões colhidas pelos peritos que conveio consultar.

Esta colaboração, indiscutível, entre o médico, o especialista, o radiologista e o analista, não pode igualmente dispensar o cirurgião, como este não pode viver sem os primeiros.

Uma das curiosidades do panorama médico actual está na interpenetração das duas disciplinas, até agora julgadas isoladamente. Deixou de haver rigorosamente duas patologias, a interna e a externa, médica e cirúrgica, para se ver principalmente o sofrimento humano a solicitar alternada, senão conjuntamente, os esforços do médico e do cirurgião. Quantos progressos deve a medicina à cirurgia e a cirurgia à medicina!

Vemos o tumor e o cancro cederem perante a terapêutica hormonal, a gangrena ou a isquemia, por insuficiência vascular, tratadas pelos vasodilatadores ou infiltração do simpático com novocaína; as sulfamidas e os antibióticos a evitarem tantas intervenções; fala-se mesmo em tratamento médico da perfuração da úlcera do estômago e por outro lado confiam-se ao cirurgião doentes com tuberculose pulmonar, dilatações brônquicas infectadas, a icterícia catarral que se prolonga, a colite ulcerosa, a hemorragia cerebral, a hipertensão arterial, a pericardite, as lesões congénitas do coração, as psicoses e tantas outras.\*

E vamos até encontrar médicos, com educação e cultura médica das melhores, tornarem-se, dentro da sua especialização, cirurgiões de renome invulgar.

Eis porque a medicina actual está em reorganização no sentido de, progressivamente, substituir o trabalho individual pelo trabalho em grupo, em sociedade.

Não é só um médico que está em campo, mas tantos quantos necessários, subordinados, evidentemente, a uma direcção, mas animados todos pelo único propósito do trabalho útil e sem faltas.

Esta reorganização é, evidentemente, dispendiosa, mas sendo a saúde pública o maior bem duma nação não pode o Estado fugir a ela.

Por outro lado, tornando-se a medicina actual, mais complicada, mais técnica e por isso mais onerosa, justo é que a ela possam aceder os menos afortunados.

A verdadeira medicina social não é a que olha para a sociedade desprezando o indivíduo, a pessoa, mas sim a que torna todos iguais perante as necessidades de saúde.

Todo o indivíduo doente, de qualquer categoria social, tem o direito de aspirar a ser tratado com os mesmos recursos que outro economicamente melhor dotado.

O reconhecimento da legitimidade desta ambição torna-se hoje norma imperiosa em toda a parte.

Apraz-nos registar que no nosso País se tem firmemente progredido neste sentido, nos últimos anos.

A renovação das construções hospitalares, o Instituto Maternal, a Assistência aos doentes mentais, aos leprosos, os progressos da Luta antituberculosa, as Casas do Povo e Casas dos Pescadores, a Previdência nalguns organismos sindicais, a actividade incessante, moderna e actualizada da Direcção Geral de Saúde, são exemplo inequívoco do grande interesse que ao Governo tem merecido a saúde pública.

E, recentemente, os serviços médicos das Caixas de Previdência, agora reunidos em Federação, constituem um molde de medicina social que, se apenas uma tentativa incompleta, posta às ordens de um pequeno sector da população trabalhadora, representa imenso como facto, e sobretudo como ideia, donde hão-de, sem dúvida, partir realizações congéneres mais fecundas e mais vastas.

Caminhamos, irresistivelmente, para uma situação em que a maioria dos serviços médicos passará a depender duma estrutura estadual, serviços fornecidos a todos os que deles carecem, e remunerados não pelo doente, mas segundo uma base previamente fixada pela administração.

Tal plano de luta pela saúde, implica uma quase transformação económica e política.

Uma ousada experiência neste sentido, posta em prática na Inglaterra e País de Gales, apesar dos protestos e críticas de muitos médicos, tem-se revelado como vindo ao encontro dos votos da maioria da população. E assim o partido político da oposição não ousou, ao estabelecer o seu plano de projectos, suprimir ou quando muito reduzir o serviço nacional de saúde (*National Health Service*) que se propõe «assegurar a todos os indivíduos no país — sem consideração pelos meios, idade, sexo ou profissão — igual oportunidade de beneficiar dos melhores

e mais actualizados serviços médicos disponíveis». Diga-se, no entanto, de passagem, que os encargos assumidos pelo Estado foram tremendos. No primeiro ano as despesas de instalação ultrapassaram duzentos milhões de libras; nos anos seguintes as despesas de entretenimento vão muito além de 40 milhões de libras por ano!

Se esta corajosa e recém-nascida tentativa se mostrar rica de benefícios não duvidemos, porém, que ela terá repetição em toda a parte.

Evidentemente, que ninguém vá supor depender a saúde pública apenas da reorganização dos Serviços médicos, à semelhança da Grã-Bretanha, tornando-os acessíveis a toda a massa populacional.

Em rigor, neste país, mais que um Serviço nacional de Saúde, estabeleceu-se um Serviço médico nacional.

Ora a saúde pública não depende só disto, mas está provado que acima da medicina, médicos e hospitais, lhe interessam, sobretudo, a alimentação suficiente, o alojamento adequado e, depois, em menor grau, outros factores sociais, ou inerentes ao indivíduo, ou do local e modo onde vive, cresce, se forma e trabalha.

Justo é dizer-se que, ainda neste particular, todos temos de reconhecer no Governo da Nação uma preocupação de acertar e resolver.

Como acabamos de ver, a medicina de hoje apresenta-se-nos transformada, perante as qualidades de ciência, de precisão numérica, matemática, com que as novas descobertas pretendem revesti-la.

A medicina passa a ser uma ciência tanto quanto possível firmada; o médico, o técnico dessa nova ciência que conhece, cultiva e sabe aplicar.

No entanto, esta nova medicina parte de um postulado falso.

O ser humano não é um organismo funcionando em normas rigorosamente conhecidas, cujos distúrbios levam à patologia. Seria demasiado fácil. Não há só órgãos de anatomia bem estudada e funções destes órgãos. Há mais alguma coisa.

Ouçamos o grande Doutor Angélico: «O homem diz-se feito de corpo e alma, como se fosse uma terceira coisa constituída pelas duas substâncias, mas que é neutra daquelas por-

que o homem não é corpo nem alma». Há nele um composto essencial de substância corpórea e substância espiritual, de tal modo uno e indiviso que não se pode falar em fenómenos psicológicos e fenómenos fisiológicos, pois eles são simultaneamente fisiopsicológicos ou psicofisiológicos.

O homem que a medicina científica pretende dominar é o homem geral, o homem espécie, parcela da grei social, indivíduo sobreponível aos semelhantes. Mas o homem é um ser mais complexo, um binário de *soma* e *psique*, de estrutura física e sopro espiritual, de matéria e vida, de corpo e alma. E a alma, é Pende quem o diz, unindo-se ao corpo, conserva toda a sua potência que transcende como espírito as necessidades e leis corporais, como se vê nas propriedades mais altas da alma, as mais pròpriamente humanas, as do intelecto e da vontade.

O médico, abeirando-se dum doente, não está perante o sofrimento deste ou daquele órgão cuja fisiologia e patologia conhece nos mínimos pormenores, mas tem diante de si uma pessoa humana, sofrendo na plenitude do seu ser. Poderemos conhecer bem o sofrimento corpóreo, mas deste modo não conhecemos senão parte da pessoa. Eis porque A. Carrel nos afirma ser a medicina do problema uma medicina incompleta, amputada. Mesmo o problema traduzível em elementos numéricos, quantas vezes se nos mostra, por fim, errado.

A medicina, por mais progressos de que desfrute, nunca será uma ciência completa, saciada. Estará sempre em evolução, ávida por mais aperfeiçoamentos e vantagens. Jamais esgotará o seu desejo ardente de perfeição. Cada vez mais e melhor.

Por outro lado, os serviços a prestar são de qualidade sublime. De homem para homem atingem o que ele tem de mais valioso, a saúde e a vida. O que sofre vem cheio de confiança e expectativa, pois conta encontrar do lado do médico a competência, oportunidade e a dedicação sem reticências.

Eis porque a medicina prática, a medicina da pessoa humana, deve rodear-se eternamente de qualidades que transcendem a ciência.

O médico, a cada passo, tem de reconhecer que o indivíduo total não está ainda descrito, que a medicina é susceptível de aperfeiçoamentos e correcções, e que ao corpo está ligado indissolúvelmente um espírito, cujos sofrimentos podem estar em primeiro lugar.

O acto médico, em toda a sua perfeição e nobreza, será sempre, em primeiro lugar, como na frase de Duhamel, um colóquio singular, de intimidade e delicadeza incomparáveis, em que o médico, repetindo o episódio do bom Samaritano, vive momentaneamente as aflições e dores do seu semelhante e orienta a situação clínica como se de um seu parente muito querido se tratasse.

O doente tem fé na consciência do médico, contando-lhe sem entraves todos os sofrimentos físicos e dúvidas, preocupações ou angústias morais. A esta confiança, tanto quanto possível sem reticências, ilimitada, diríamos mesmo pueril, tem o médico de corresponder com duas qualidades indispensáveis: o conhecimento suficiente e a discreção.

O conhecimento suficiente é condição indiscutível. Esta qualidade obriga-o a permanente actualização quanto ao progresso da ciência médica, cria-lhe normas ao seu procedimento.

Imprime-lhe repeito pela sua profissão e por si mesmo, dá-lhe personalidade e coragem para propor e insistir no tratamento que julgue indispensável e salvador. Esta coragem não deve ser, porém, obstinada, irreflectida, que possa ser classificada de simpatia irresistível, pela aventura. Coragem sempre, aventura nunca.

O objecto em causa é demasiado alto, pois trata-se de uma vida humana. Nunca a prudência será de mais.

Deve saber valorizar a observação, não esquecendo um exame levado às indispensáveis minúcias. Só duma boa colheita de pormenores pode sair um diagnóstico certo.

Necessário é que esta observação se faça atentamente e com interesse permanente.

Toda a doença, para quem recebeu um fermento de curiosidade, é uma experiência que nos é preciso ler; a ciência do homem doente deve ficar, antes de tudo, um problema de observação humana, afirmou Leriche na lição inaugural do seu curso do Colégio da França. Não só ciência em geral, mas a ciência aplicada à pessoa, o que não dispensa uma observação cheia de rigor, método, perspicácia, atenção e ainda de dúvida metódica. Mal vai ao médico se não duvida de tudo o que o doente espontaneamente lhe conta e, sobretudo, se crê na infalibilidade do seu diagnóstico pelas primeiras e instantes impressões. Tem factos, elementos de observação, dados laboratoriais, experiên-

cia, mas não pode faltar-lhe a dúvida antes de afirmar a certeza. Só deste modo poderá estar certo da boa posição.

À confiança, espontaneidade, quase abandono, com que o doente se aproxima do médico, deve este corresponder por discreção, que pode ir até ao segredo absoluto quando tomou conhecimento de factos cuja divulgação pode não ser do agrado do doente.

Nem olhos, nem ouvidos, nem inteligência, por tudo o que não interessa ao doente, ou que ao doente convém se não veja, se não ouça ou se não compreenda.

Esta máxima, que Hipócrates nos ditou, é uma das que mais respeita o primado da pessoa humana e que o médico tem de acatar e defender para não deixar falir a natureza espiritual do seu mister.

O Médico, ao ter conhecimento das deformidades e misérias do seu doente, guarda avaramente esse conhecimento para só dele fazer uso em benefício e a solicitação do interessado.

Se assim não fosse teríamos de admitir nesta falta de sensibilidade, recato, pudor pelos acontecimentos mais íntimos da sua vida, e enquanto houver género humano podemos estar certos de que assim não será.

Do doente nada interessa fora do seu sofrimento. A vida passada, posição social, afortunado ou miserável, são pormenores sempre secundários.

Poderei, ou deverei, dizer uma palavra sobre a honestidade, dedicação e serenidade de que o médico, em todas as circunstâncias, tem de dar provas?

Mesmo num meio pequeno, indiferente ou hostil, a atitude do médico deve ser inalterada. Aguarda todas as oportunidades para se instruir e fazer o bem, não com a mira na recompensa imediata, mas porque tal é seu dever. O bem que se fez aproveita mais quem o dá que quem o recebe. E nos pagamentos dos seus serviços, ao qual tem direito como todo o que trabalha e se não alimenta apenas de consolações morais, terá sempre presente que o doente lhe faz entrega, não da exacta retribuição, pois a saúde e a vida não têm preço, mas de honorários, justo tributo ao médico que na observação pôs o melhor da sua competência e do seu espírito.



É o uso, e a valorização destas propriedades, que confere à medicina, por mais progressiva que seja a perfeição do seu saber e técnica, atributos imutáveis desde os primeiros tempos. A arte médica foi e será sempre a mesma. A ética do pensamento médico mantém-se e manter-se-á inalterada. À recente pergunta de Duhamel, sobre se existe um ecumenismo médico, podemos responder, sem receio, pela afirmativa. Apesar de todos os progressos materiais, a medicina ficará sempre uma escola viva e aplicada de disciplina, da inteligência e do coração.

A qualidade da observação, a curiosidade do observador, os seus dotes de medida e de boa valorização, a probidade, a natureza quase ilimitada dos serviços prestados, o segredo, serão continuamente condições imprescindíveis de um acto médico digno deste nome. Pode a estrutura científica do Médico ser da primeira plana, mas se não souber adaptá-la às infinitas transformações da pessoa humana, se não compreender esta na plenitude das suas vivências, se não for dotado de atenção e agudeza suficientes que permitam captar e valorizar o padecimento condutor, a sua acção estará frequentemente condenada ao insucesso.

A ciência é universal, a arte é pessoal, não está tabelada, não se aprende nos livros; é fundamentalmente um problema de cultura e humanidade.

A arte sou eu, a ciência somos nós, legou-nos Victor Hugo, em memorável expressão. Por mais sábio que o médico seja, tem sempre perante si um campo interminável de investigação, onde a sua perspicácia e bom senso vão ser postos à prova. Tem fé na ciência e na precisão dos seus conhecimentos, mas isso não o dispensa de atenção, curiosidade e prudência. Em qualquer circunstância nunca pode ignorar que o seu estudo só lhe forneceu esquemas, cómodos como iniciação à aprendizagem, mas inadaptáveis rigorosamente ao indivíduo sofredor.

O exercício da medicina será pois eternamente um trabalho absorvente de compreensão.

Eis porque a medicina de hoje, muito embora engrandecida por esplêndidas descobertas, foi, é e será sempre a mesma.

Ao lado duma ciência cheia de recursos, e voos admiráveis, marcará eternamente como uma escola de humanismo.

Ao médico actual, mais do que a qualquer outro homem, merece ser aplicada a ideia de Pascal: «Toda a série de médicos no decurso de tantos séculos pode ser considerada como um só médico que subsiste sempre e continuamente aprende».

É sacudido por uma necessidade imorredoura de aperfeiçoamento científico e espiritual.

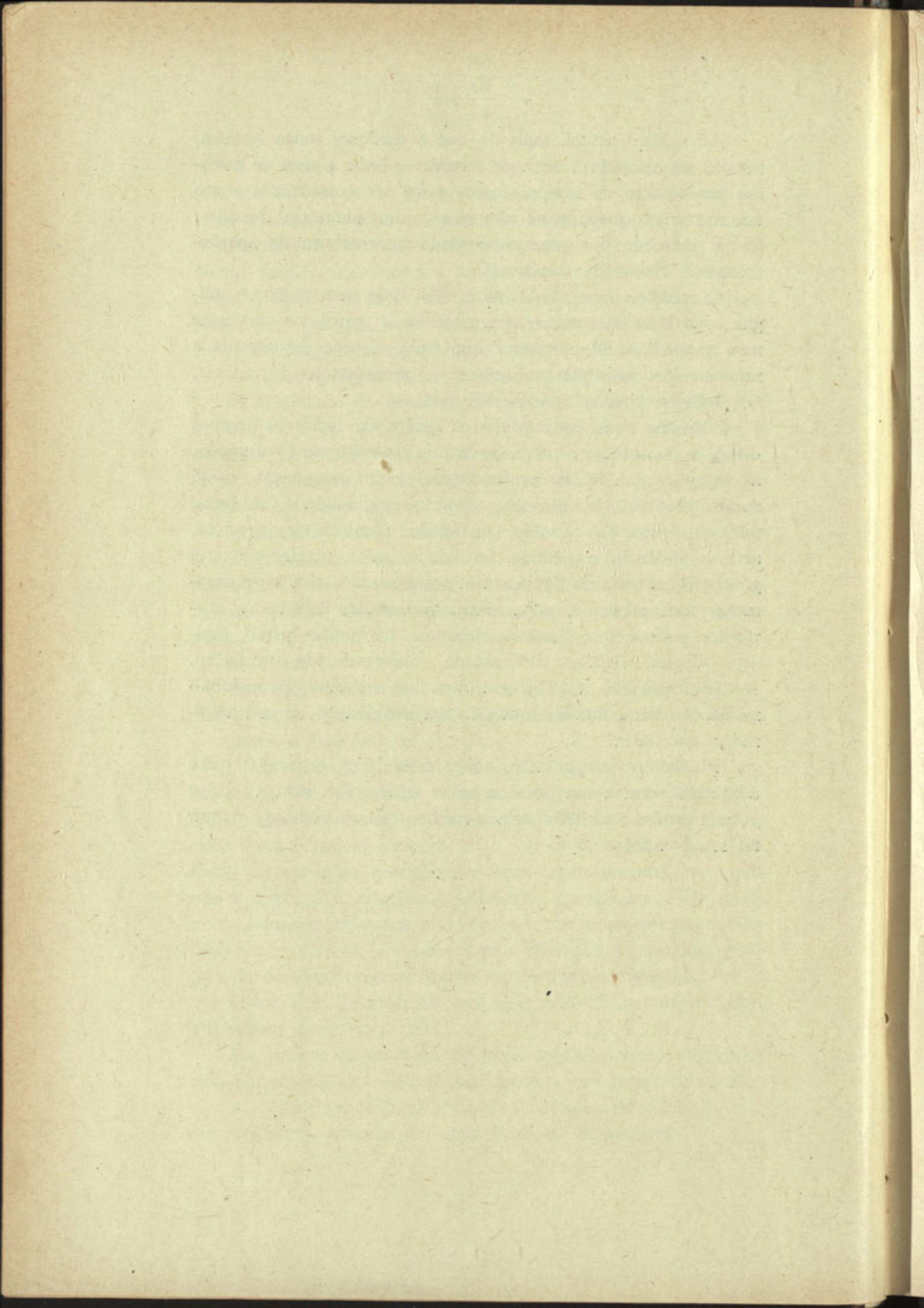
O médico, digno deste nome, não deve nem pode ser vulgar. Ao lado da competência profissional tem de se encontrar nele a vocação, fogo interior que agita, aquece, impulsiona e muitas vezes consome na inesgotável preocupação do acertar.

Não há virtudes que lhe sobejem.

Um dos mais extraordinários génios de todos os tempos disse ter encontrado reunidas, num seu contemporâneo afamado, as seguintes qualidades: profundidade, génio, imaginação, gosto razão, sensibilidade, filosofia, elevação, originalidade, natureza, intelecto, fantasia, rectidão, facilidade, flexibilidade, precisão, arte, abundância, variedade, fertilidade, calor, magia, encanto, graça, força, vista de águia, vasta compreensão, rica instrumentação, tom excelente, urbanidade, vivacidade, delicadeza, correcção, puritanismo, limpeza, elegância, harmonia, brilho, rapidez, alegria, ênfase, sublimidade, universalidade, perfeição.

Será possível a existência dum ser humano excepcionalmente tão bem dotado, fora da cega imaginação de um admirador entusiasta?

Meditemos, no entanto, sobre estes belos atributos; quão admirável seria a sua posse e, se se adaptariam bem a todo o grande profissional, feliz seria o médico que os pudesse ostentar no seu braço!



PESSOAL UNIVERSITÁRIO  
EM 30 DE SETEMBRO DE 1951

MOVIMENTO DO PESSOAL UNIVERSITÁRIO  
DE 1 DE OUTUBRO DE 1950  
A 30 DE SETEMBRO DE 1951



# ASSEMBLEIA GERAL DA UNIVERSIDADE

## PRESIDENTE

REITOR — Dr. Maximino José de Moraes Correia, professor catedrático da Faculdade de Medicina.

## VOGAIS

VICE-REITOR — Dr. José Carlos Martins Moreira, professor catedrático da Faculdade de Direito.

### PROFESSORES CATEDRÁTICOS:

#### FACULDADE DE LETRAS

Dr. Aristides de Amorim Girão, *director da Faculdade*.  
Dr. Joaquim de Carvalho.  
Dr. Carlos Simões Ventura.  
Dr. Ferrand Pimentel de Almeida.  
Dr. João da Providência Sousa e Costa.  
Dr. Damião António Peres.  
Dr. Joseph Maria Piel (*contratado*).  
Dr. Francisco da Luz Rebelo Gonçalves.  
Dr. Manuel Lopes de Almeida.  
Dr. Manuel de Paiva Boléu.  
Dr. Álvaro Júlio da Costa Pimpão.  
Dr. Arnaldo Miranda Casimiro Barbosa.

#### FACULDADE DE DIREITO

Dr. José Beleza dos Santos, *director da Faculdade*.  
Dr. Domingos Fézas Vital (1).  
Dr. António de Oliveira Salazar (2).  
• Dr. Luís Cabral de Oliveira Moncada.

---

(1) Em comissão de serviço na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

(2) Presidente do Conselho de Ministros.

Dr. Mário de Figueiredo (1).  
 Dr. Adriano Pais da Silva Vaz Serra.  
 Dr. João Pinto da Costa Leite (2).  
 Dr. Manuel Augusto Domingues de Andrade.  
 Dr. Fernando Andrade Pires de Lima (3).  
 Dr. José Joaquim Teixeira Ribeiro.  
 Dr. António de Arruda Férrer Correia  
 Dr. Guilherme Braga da Cruz.  
 Dr. Afonso Rodrigues Queiró.  
 Dr. Eduardo Henriques da Silva Correia.

#### FACULDADE DE MEDICINA

Dr. Álvaro Fernando de Novais e Sousa, *director da Faculdade*.  
 Dr. João Emílio Raposo de Magalhães (4).  
 Dr. Fernando Duarte Silva de Almeida Ribeiro.  
 Dr. Fernando Baeta Bissaia Barreto Rosa.  
 Dr. Alberto Moreira da Rocha Brito.  
 Dr. Feliciano Augusto da Cunha Guimarães.  
 Dr. Egídio Costa Aires de Azevedo.  
 Dr. João Maria Porto.  
 Dr. Lúcio de Almeida.  
 Dr. Augusto Pais da Silva Vaz Serra.  
 Dr. António Meliço Silvestre.  
 Dr. José Augusto Correia de Oliveira.  
 Dr. Luís António Martins Raposo.

#### FACULDADE DE CIÊNCIAS

Dr. João Pereira da Silva Dias, *director da Faculdade*.  
 Dr. Diogo Pacheco de Amorim.  
 Dr. José Custódio de Moraes.  
 Dr. Manuel Marques Esparteiro.  
 Dr. Manuel dos Reis.  
 Dr. Rui Gustavo Couceiro da Costa.  
 Dr. Abílio Fernandes.  
 Dr. António Jorge Andrade de Gouveia.  
 Dr. Luís Beda de Sousa Tavares Neto.  
 Dr. João Rodrigues de Almeida Santos.  
 Dr. João Manuel Coteló Neiva.  
 Dr. José Antunes Serra.

- 
- (1) Presidente da Junta Nacional da Educação.  
 (2) Ministro da Presidência.  
 (3) Ministro da Educação Nacional.  
 (4) Em comissão de serviço no Instituto Português de Oncologia.

PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS:

ESCOLA DE FARMÁCIA

L.<sup>do</sup> Guilherme de Barros e Cunha, *director da Escola.*

Dr. José Ramos Bandeira.

Dr. Aloísio José de Carvalho Fernandes Costa.

REPRESENTANTES DOS PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS:

FACULDADE DE LETRAS

Dr. Sílvio Vieira Mendes de Lima.

FACULDADE DE DIREITO (1)

FACULDADE DE MEDICINA

Dr. João de Oliveira e Silva.

FACULDADE DE CIÊNCIAS

Dr. Fernando Pinto Coelho.

REPRESENTANTES DOS ASSISTENTES:

FACULDADE DE LETRAS

L.<sup>do</sup> José Gonçalo Chorão de Carvalho.

FACULDADE DE DIREITO

Dr. João de Matos Antunes Varela.

FACULDADE DE MEDICINA

Dr. Francisco António Gonçalves Ferreira.

---

(1) Não está provido nenhum lugar de professor extraordinário.

FACULDADE DE CIÊNCIAS

Dr. Gumersindo Sarmiento da Costa Lobo.

ESCOLA DE FARMÁCIA

L.<sup>do</sup> José Baeta Cardoso do Vale.

REPRESENTANTES DOS ESTUDANTES: (1)

FACULDADE DE LETRAS

FACULDADE DE DIREITO

FACULDADE DE MEDICINA

FACULDADE DE CIÊNCIAS

ESCOLA DE FARMÁCIA

SECRETÁRIO

SECRETÁRIO DA UNIVERSIDADE — L.<sup>do</sup> António Pimentel de Sousa.

---

(1) Suspensa a representação dos estudantes por Ordem de Serviço de S. Ex.<sup>a</sup> o Ministro da Educação Nacional de 6 de Novembro de 1936.

# SENADO UNIVERSITÁRIO

## PRESIDENTE

REITOR — Dr. Maximino José de Moraes Correia, professor catedrático da Faculdade de Medicina.

## VOGAIS

VICE-REITOR — Dr. José Carlos Martins Moreira, professor catedrático da Faculdade de Direito.

DIRECTOR DA FACULDADE DE LETRAS — Dr. Aristides de Amorim Girão.

DIRECTOR DA FACULDADE DE DIREITO — Dr. José Bezeza dos Santos.

DIRECTOR DA FACULDADE DE MEDICINA — Dr. Álvaro Fernando de Novais e Sousa.

DIRECTOR DA FACULDADE DE CIÊNCIAS — Dr. João Pereira da Silva Dias.

DIRECTOR DA ESCOLA DE FARMÁCIA — L.<sup>do</sup> Guilherme de Barros e Cunha.

DELEGADO DOS PROFESSORES CATEDRÁTICOS DA FACULDADE DE LETRAS — Dr. João da Providência Sousa e Costa.

DELEGADO DOS PROFESSORES CATEDRÁTICOS DA FACULDADE DE DIREITO — Dr. Manuel Augusto Domingues de Andrade.

DELEGADO DOS PROFESSORES CATEDRÁTICOS DA FACULDADE DE MEDICINA — Dr. Alberto Moreira da Rocha Brito.

DELEGADO DOS PROFESSORES CATEDRÁTICOS DA FACULDADE DE CIÊNCIAS — Dr. Manuel dos Reis.

DELEGADO DOS PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS DA ESCOLA DE FARMÁCIA — Dr. José Ramos Bandeira.

REPRESENTANTE DOS PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS — Dr. Armando Tavares de Sousa, professor extraordinário da Faculdade de Medicina.

REPRESENTANTE DOS ASSISTENTES DA UNIVERSIDADE — Dr. Alfredo Fernandes Martins, 1.<sup>o</sup> assistente da Faculdade de Letras.

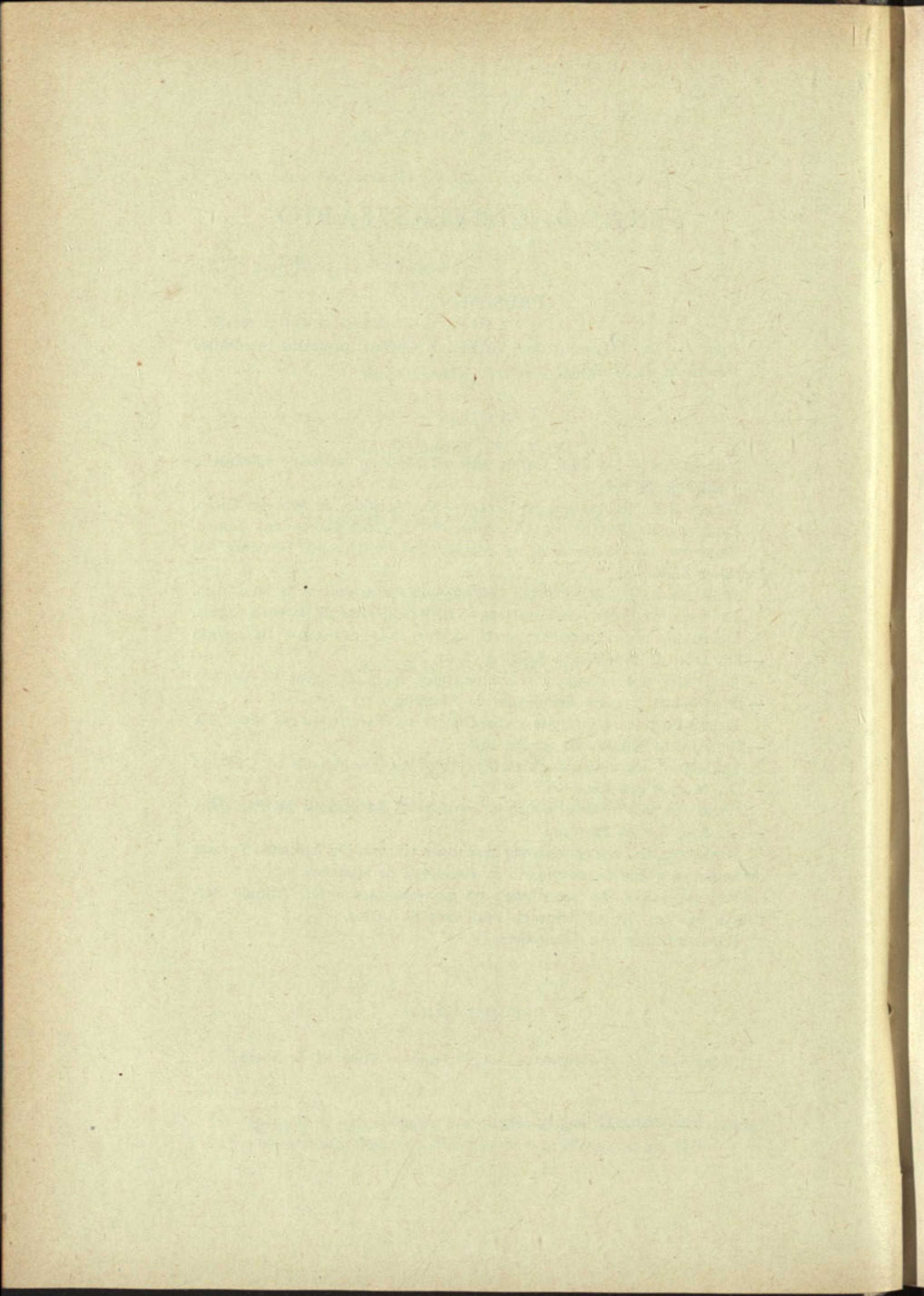
REPRESENTANTE DOS ESTUDANTES (1).

## SECRETÁRIO

SECRETÁRIO DA UNIVERSIDADE — L.<sup>do</sup> António Pimentel de Sousa.

---

(a) Vide nota (1) da pág. 44.



# REITORIA, SECRETARIA, TESOURARIA E GERAIS

## REITORIA

### REITOR

Dr. Maximino José de Moraes Correia, professor catedrático da Faculdade de Medicina.

### VICE-REITOR

Dr. José Carlos Martins Moreira, professor catedrático da Faculdade de Direito.

## SECRETARIA

### SECRETÁRIO

L.<sup>do</sup> António Pimentel de Sousa.

### ASPIRANTE

Álvaro Pratas do Vale.

### CONTÍNUO DE 1.<sup>a</sup> CLASSE

Mário Rodrigues.

## 1.<sup>a</sup> SECÇÃO — SERVIÇOS DE EXPEDIENTE GERAL

### 1.<sup>o</sup> OFICIAL

Alfredo Marques Manso (1).

### 2.<sup>o</sup> OFICIAL

Virgílio Cordeiro e Melo.

### 3.<sup>o</sup> OFICIAL

Armando António Marques Donato.

---

(1) Atingido pelo limite da idade em 6-9-1951.

## ASPIRANTE

Francisco Manuel da Silva Pinto Serra e Moura.

CONTÍNUO DE 2.<sup>A</sup> CLASSE

Álvaro Borges.

2.<sup>A</sup> SECÇÃO — SERVIÇOS DE CONTABILIDADE1.<sup>o</sup> OFICIAL

Carlos Ribeiro Raposo.

2.<sup>o</sup> OFICIAL

António dos Reis Antunes Vaz.

3.<sup>os</sup> OFICIAIS

Francisco José da Silva Carvalho Reis de Sousa Seco.  
Vago um lugar (1).

## ASPIRANTES

Diamantino Ramos.  
Álvaro Costa de Almeida Santos.  
José Isabelino Martins Coelho.

CONTÍNUO DE 1.<sup>A</sup> CLASSE

Júlio Esteves Mascarenhas.

TESOURARIA

## TESOUREIRO

Ívar Augusto Videira Pimentel Martins.

## SERVENTE

António Pereira.

---

(1) Desde 22-9-1949, data da aposentação de António Arsene Antunes.

GERAIS

## GUARDA-MOR

António Joaquim de Seça Guedes.

## ARCHEIROS

ARCHEIROS DE 1.<sup>a</sup> CLASSE

José Maria da Costa Guardado.  
 Manuel Joaquim Marques.  
 António da Costa Domingues.  
 José Ferreira Caetano.  
 António Maria Correia Cardoso.

ARCHEIROS DE 2.<sup>a</sup> CLASSE

Teotónio Lourenço.  
 Germano Correia de Oliveira.  
 Manuel Coutinho Vitorino.  
 António dos Reis.  
 Augusto Neves Diogo.  
 António Rodrigues Simões.

## ARCHEIROS

António dos Santos Cardoso.  
 Vagos dois lugares (1).

## GUARDA

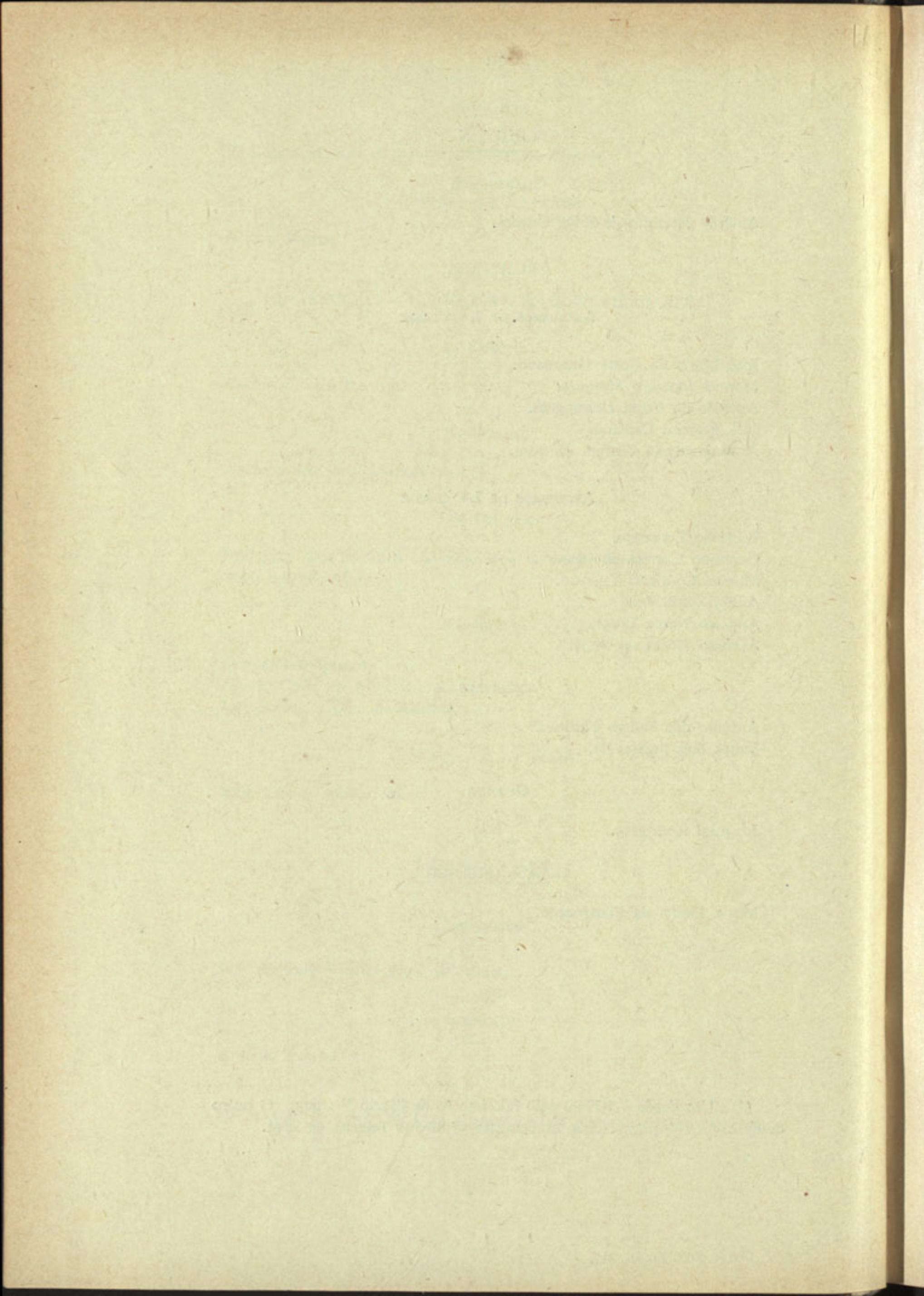
Joaquim Rodrigues.

## GUARDA (MULHER)

Maria Emília da Encarnação.

---

(1) Um desde 1-2-1945, pelo falecimento de Mário Ferreira. O outro desde 23-5-1944, pela rescisão do contrato de Silvino Teixeira da Silva.



# BIBLIOTECA GERAL

## DIRECTOR

Dr. Manuel Lopes de Almeida.

## 1.º BIBLIOTECÁRIO

L.º César Joaquim da Silva de Oliveira Pegado.

## 2.º BIBLIOTECÁRIO

L.º Abel Lopes Martins de Almeida e Sousa.

## 3.ºs BIBLIOTECÁRIOS

Gabriel da Cunha Santos.

Vago um lugar (1).

## ASPIRANTE

José Adelino Colaço Mendes de Vasconcelos.

## CONTÍNUO DE 1.ª CLASSE

José Maria dos Santos.

## CONTÍNUOS DE 2.ª CLASSE

António Marques de Oliveira.

Augusto Gomes Fonseca.

## GUARDA DE 2.ª CLASSE

Vago (2).

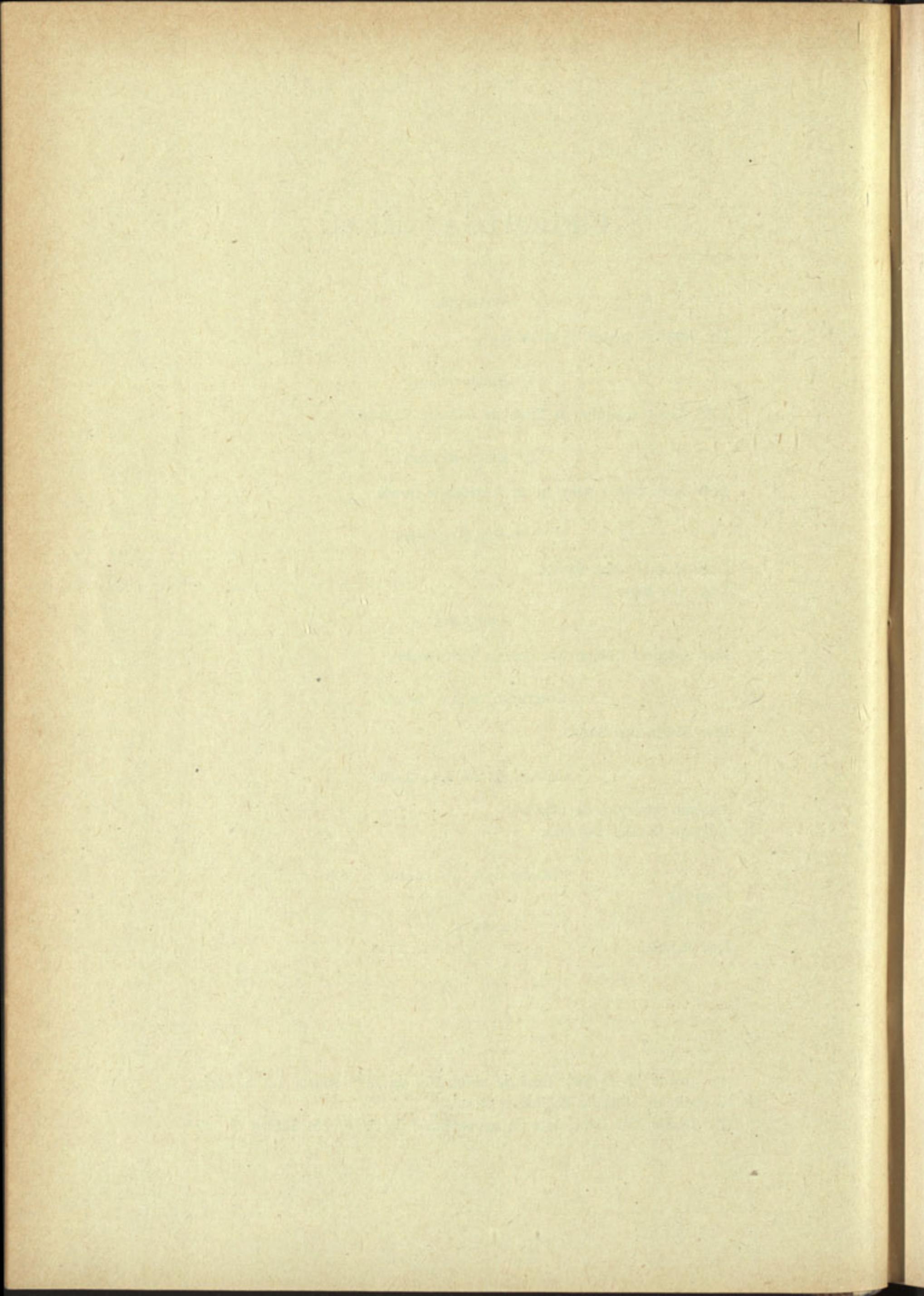
## SERVENTE

José Saraiva.

---

(1) Desde 10-10-1949, data da colocação da L.ª Maria Luísa Forjaz de Sampaio na situação de licença ilimitada.

(2) Desde 23-7-1949, data da aposentação de Pedro dos Santos.



# FACULDADE DE LETRAS

## DIRECTOR

Dr. Aristides de Amorim Girão.

## SECRETÁRIO

Dr. Arnaldo Miranda Casimiro Barbosa.

## BIBLIOTECÁRIO

Dr. Ferrand Pimentel de Almeida.

## PESSOAL DOCENTE

### 1.ª SECÇÃO

### CIÊNCIAS FILOLÓGICAS

#### 1.º Grupo — Filologia Clássica

##### PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. Carlos Simões Ventura.

Dr. Francisco da Luz Rebelo Gonçalves.

##### PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS

Vagos dois lugares (1).

#### 2.º Grupo — Filologia Românica

##### PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. Joseph Maria Piel (*contratado*) (2).

Dr. Manuel de Paiva Boléu.

Dr. Álvaro Júlio da Costa Pimpão.

---

(1) Um nunca foi provido. O outro ficou vago em 26-7-1923, pelo acesso do Dr. Carlos Simões Ventura ao lugar de professor ordinário.

(2) O último provimento efectivo deste lugar pertenceu ao Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, transferido em 13-6-1916 para o 4.º grupo.

## PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS

Vagos dois lugares (1).

## LEITOR

Jean Girodon (*contratado*).

## 3.º Grupo — Filologia Germânica

## PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. Ferrand Pimentel de Almeida.  
Dr. João da Providência Sousa e Costa.

## PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS

Dr. Paulo Manuel Pires Quintela (*contratado*) (2).  
Vago um lugar (3).

## LEITORES

Walter Kenneth Witcomb (*contratado*).  
Dr. Albin Eduard Andreas Beau (*contratado*).

## 2.ª SECÇÃO

CIÊNCIAS HISTÓRICAS,  
GEOGRÁFICAS E FILOSÓFICAS

## 4.º Grupo — Ciências Históricas

## PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. Damião António Peres.  
Dr. Manuel Lopes de Almeida.

---

(1) Nunca tiveram provimento efectivo. Últimamente desempenharam como contratados as respectivas funções até 27-11-1949 os Drs. Manuel de Paiva Boléu e Álvaro Júlio da Costa Pimpão.

(2) O último provimento efectivo deste lugar pertenceu ao Dr. João da Providência Sousa e Costa, que em 3-9-1927 tomou posse do lugar de professor catedrático.

(3) O último provimento efectivo deste lugar pertenceu ao Dr. Ferrand Pimentel de Almeida, que em 6-8-1925 tomou posse do lugar de professor ordinário. Últimamente desempenhou, como contratado, as respectivas funções até 31-7-1951 o Dr. António Augusto Rodrigues.

## PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS

Dr. Torquato Brochado de Sousa Soares (*contratado*) (1).  
Vago um lugar (2).

## 5.º Grupo — Ciências Geográficas

## PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. Aristides de Amorim Girão.  
Vago um lugar (3).

## PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (4).

## 6.º Grupo — Ciências Filosóficas

## PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. Joaquim de Carvalho.  
Dr. Arnaldo Miranda Casimiro Barbosa.

## PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (5).

## 3.ª SECÇÃO

## CIÊNCIAS PEDAGÓGICAS

## 7.º Grupo — Ciências Pedagógicas

## PROFESSOR CATEDRÁTICO

Vago (6).

## PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Dr. Sílvio Vieira Mendes de Lima (*contratado*) (7).

- 
- (1) Este lugar nunca teve provimento efectivo.  
 (2) Nunca teve provimento efectivo. Últimamente desempenhou como contratado as respectivas funções até 16-3-1950 o Dr. Mário Mendes dos Remédios de Sousa Brandão.  
 (3) Nunca foi provido.  
 (4) Desde 9-8-1925, data da posse do Dr. Aristides de Amorim Girão no lugar de professor ordinário.  
 (5) Nunca teve provimento efectivo. Últimamente desempenhou como contratado estas funções até 27-11-1949 o Dr. Arnaldo Miranda Casimiro Barbosa.  
 (6) Nunca foi provido.  
 (7) Nunca teve provimento efectivo.

## 4.ª SECÇÃO

## CADEIRAS ANEXAS

Professor de Estética e História da Arte

Dr. Mário Mendes dos Remédios de Sousa Brandão.

Professor de História da Música (1)

Vago (2).

Professor de Língua Hebraica

Vago (2).

Professor de Estudos Brasileiros

Vago (2).

\* \* \*

PROFESSOR CATEDRÁTICO DA FACULDADE DE MEDICINA  
ENCARREGADO, DE HARMONIA COM O ART. 6.º  
DO DECRETO N.º 18:793, DA REGÊNCIA  
DA CADEIRA DE HIGIENE ESCOLAR

Dr. António Meliço Silvestre.

\*

PESSOAL CONTRATADO ALÉM DO QUADRO

Dr. Émile Planchard, *professor para a regência de cadeiras de Filosofia.*

Dr. Vincenzo Cocco, *professor para a regência das cadeiras de Língua Hebraica.*

Dr. Alfredo Fernandes Martins, *assistente para o 5.º grupo (3).*

L.º Eduardo Lourenço de Faria, *assistente para o 6.º grupo.*

L.º Américo da Costa Ramalho, *assistente para o 1.º grupo.*

L.º José Gonçalo Chorão de Carvalho, *assistente para o 2.º grupo.*

---

(1) Decreto-Lei n.º 27.277, de 24-11-1936:

«Art. 1.º. Enquanto não for provido definitivamente o cargo de professor da cadeira anexa de História da Música, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, poderá o reitor contratar, mediante parecer favorável do conselho escolar daquela Faculdade, indivíduo de reconhecida competência para dirigir o Orfeão Académico e a Tuna Académica da mesma Universidade».

Nos termos deste artigo foi contratado Manuel Raposo Marques para dirigir o Orfeão Académico e a Tuna Académica.

(2) Nunca foi provido.

(3) 1.º assistente.

\*

## CURSO DE FÉRIAS

DIRECTOR — Dr. João da Providência Sousa e Costa.

SECRETÁRIO — L.<sup>do</sup> Armando Soeiro Moreira de Lacerda.

\*

PROFESSOR CATEDRÁTICO  
NA SITUAÇÃO DE LICENÇA ILIMITADA

Dr. Manuel Gonçalves Cerejeira.

\* \* \*

PESSOAL TÉCNICO,  
ADMINISTRATIVO, AUXILIAR E MENOR

DIRECTOR DO LABORATÓRIO DE FONÉTICA EXPERIMENTAL

L.<sup>do</sup> Armando Soeiro Moreira de Lacerda.2.<sup>o</sup> CONSERVADOR

Plínio de Abreu e Vasconcelos.

3.<sup>os</sup> CONSERVADORES

Francisco França Amado Júnior.

L.<sup>da</sup> Maria Armanda Borges Matias.

## ASPIRANTE

Emídio Henriques da Silva.

## BEDEL

José da Cruz e Silva.

CONTÍNUOS DE 1.<sup>a</sup> CLASSE

João de Melo (1).

Francisco Carlos de Paiva.

António dos Santos Ferreira.

---

(1) Atingido pelo limite da idade em 18-7-1951.

CONTÍNUOS DE 2.<sup>A</sup> CLASSE

Reinaldo Varela de Carvalho.  
Manuel Ferreira Góis.

GUARDA

Manuel Pereira dos Santos.

ESTABELECIMENTOS  
DA FACULDADE DE LETRAS

INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS  
DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

*(Instituto de investigação científica)*

DIRECTOR

Dr. Damião António Peres.

INSTITUTO ALEMÃO

DIRECTOR

Dr. João da Providência Sousa e Costa.

SECRETÁRIO

Dr. Albin Eduard Andreas Beau.

INSTITUTO FRANCÊS

DIRECTOR

Dr. Álvaro Júlio da Costa Pimpão.

SECRETÁRIO

Jean Girodon.

INSTITUTO INGLÊS

DIRECTOR

Dr. Ferrand Pimentel de Almeida.

SECRETÁRIO

Walter Kenneth Witcomb.

SALA ITALIANA

DIRECTOR

Dr. Manuel de Paiva Boléu.

SALA ESPANHOLA

DIRECTOR

Dr. Álvaro Júlio da Costa Pimpão.

INSTITUTO BRASILEIRO

DIRECTOR

Dr. Francisco da Luz Rebelo Gonçalves.

INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

DIRECTOR

Dr. Francisco da Luz Rebelo Gonçalves.

INSTITUTO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS

DIRECTOR

Dr. Aristides de Amorim Girão.

INSTITUTO DE ESTUDOS FILOSÓFICOS

DIRECTOR

Dr. Joaquim de Carvalho.

LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA EXPERIMENTAL

DIRECTOR

Dr. Joaquim de Carvalho.

LABORATÓRIO DE FONÉTICA EXPERIMENTAL

DIRECTOR

L.<sup>do</sup> Armando Soeiro Moreira de Lacerda.

# ESTABELECIMENTO ANEXO À FACULDADE DE LETRAS

## ARQUIVO E MUSEU DE ARTE

### DIRECTOR

Dr. Mário Mendes dos Remédios de Sousa Brandão.

### 1.º CONSERVADOR

António Gomes da Rocha Madail.

### 2.º CONSERVADOR

Vago (1).

### 3.ºs CONSERVADORES

L.ª da Maria Lígia Patoilo Cruz.

L.º do António Cerqueira Ferraz Correia.

### ASPIRANTE

Mário António do Amaral Simões.

### DACTILÓGRAFO

Guilherme Flório dos Santos Bernardino.

### CONTÍNUO DE 1.ª CLASSE

António Augusto Martins.

### CONTÍNUOS DE 2.ª CLASSE

América Rolin Correia

Alexandre Vítor.

Aires Moreira

### SERVENTES

Joaquim Jorge da Silva.

Maria Manuela da Silva Paiva.

Arlindo dos Santos.

Carlos Duarte Silvério.

### GUARDA

Margarida da Silva Oliveira.

---

(1) Nunca foi provido.



# FACULDADE DE DIREITO

## DIRECTOR

Dr. José Beleza dos Santos.

## SECRETÁRIO

Dr. Guilherme Braga da Cruz.

## BIBLIOTECÁRIO

Dr. José Joaquim Teixeira Ribeiro.

## PESSOAL DOCENTE

### 1.º GRUPO

#### CIÊNCIAS HISTÓRICAS

##### PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. Luís Cabral de Oliveira Moncada.

Dr. Guilherme Braga da Cruz.

Vago um lugar (1).

##### PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (2).

### 2.º GRUPO

#### CIÊNCIAS ECONÓMICAS

##### PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. António de Oliveira Salazar (3).

---

(1) Desde 2-6-1948, data da posse do Dr. Adriano Pais da Silva Vaz Serra no lugar de professor catedrático do 4.º grupo.

(2) Desde 10-8-1948, data da posse do Dr. Guilherme Braga da Cruz no lugar de professor catedrático.

(3) Vid. nota (2) da pág. 41.

Dr. João Pinto da Costa Leite (1).  
Dr. José Joaquim Teixeira Ribeiro.

PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (2).

3.º GRUPO

CIÊNCIAS POLÍTICAS

PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. Domingos Fézas Vital (3).  
Dr. José Carlos Martins Moreira.  
Dr. Afonso Rodrigues Queiró.  
Vago um lugar (4).

PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (5).

4.º GRUPO

CIÊNCIAS JURÍDICAS

PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. José Beleza dos Santos.  
Dr. Mário de Figueiredo (6).  
Dr. Adriano Pais da Silva Vaz Serra.  
Dr. Manuel Augusto Domigues de Andrade.  
Dr. Fernando Andrade Pires de Lima (7).  
Dr. António de Arruda Férrer Correia.  
Dr. Eduardo Henriques da Silva Correia.  
Vagos dois lugares (8).

---

(1) Vid. nota (2) da pág. 42.

(2) Nunca foi provido.

(3) Vid. nota (1) da pág. 41.

(4) Desde 9-12-1922, data da aposentação do Dr. António Lopes Guimarães Pedrosa.

(5) Desde 10-8-1948, data da posse do Dr. Afonso Rodrigues Queiró no lugar de professor catedrático.

(6) Vid. nota (1) da pág. 42.

(7) Vid. nota (3) da pág. 42.

(8) Um desde 20-12-1930, data do falecimento do Dr. António José Teixeira de Abreu. O outro desde 27-7-1948, data da aposentação de Dr. José Alberto dos Reis.

## PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS

Vagos dois lugares (1).

\* \* \*

## PESSOAL CONTRATADO ALÉM DO QUADRO

Dr. João de Matos Antunes Varela, *assistente para o 4.º grupo* (2).  
 L.<sup>do</sup> José Júlio Pizarro Beleza, *assistente para o 2.º grupo*.  
 L.<sup>do</sup> José João Gonçalves de Proença, *assistente para o 4.º grupo*.  
 L.<sup>do</sup> Francisco Manuel Pereira Coelho, *assistente para o 4.º grupo*.  
 L.<sup>do</sup> Rogério Guilherme Ehrhardt Soares, *assistente para o 3.º grupo*.  
 L.<sup>do</sup> João Ruiz de Almeida Garrett, *assistente para o 2.º grupo*.  
 L.<sup>do</sup> Orlando Alves Pereira de Carvalho, *assistente para o 4.º grupo*.

\*

## PROFESSORES CATEDRÁTICOS APOSENTADOS

Dr. Álvaro da Costa Machado Vilela.  
 Dr. José Alberto dos Reis.

\* \* \*

## PESSOAL AUXILIAR E MENOR

## BEDEL

Armando da Costa Borges.

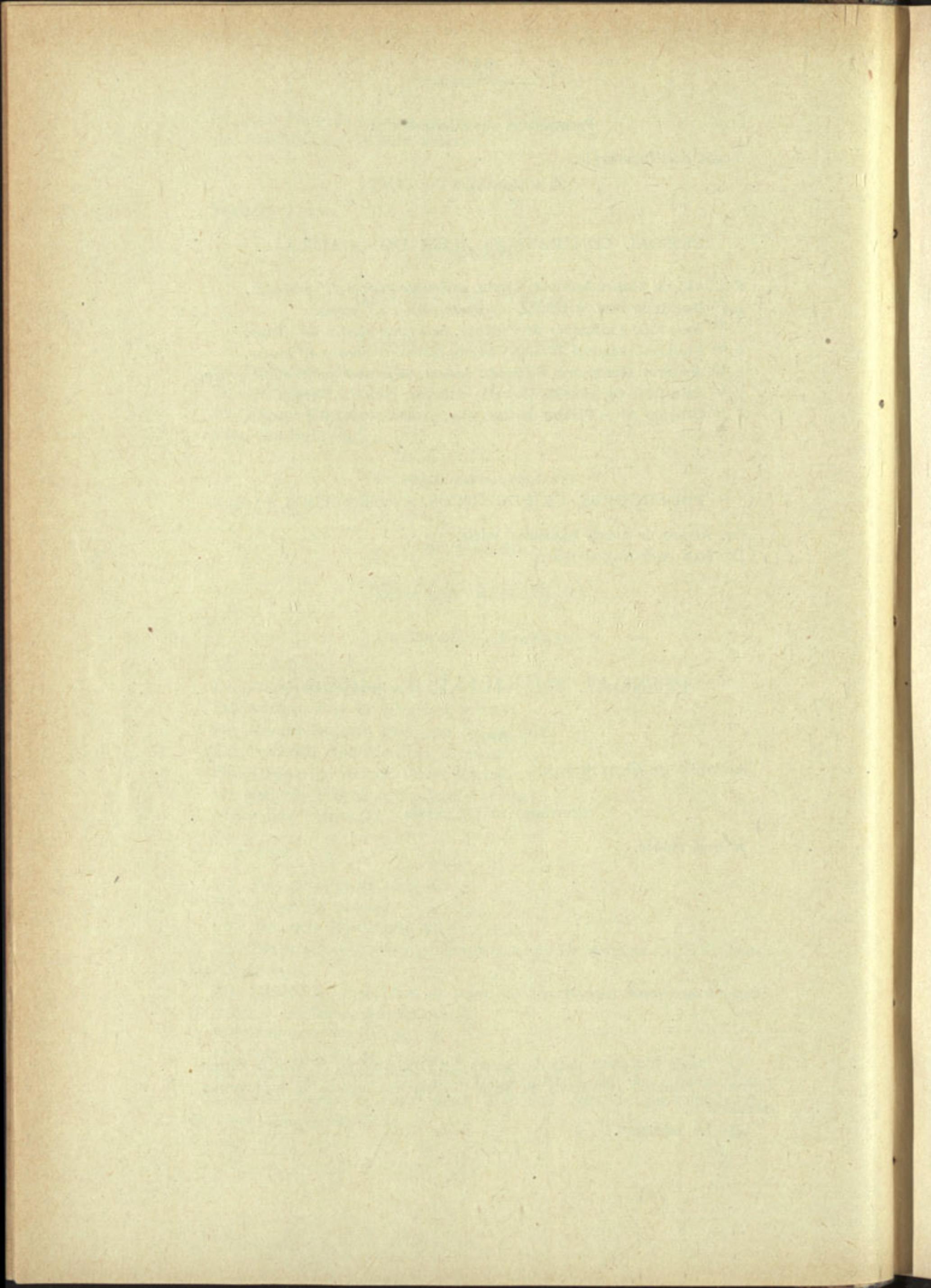
## CONTÍNUO DE 1.ª CLASSE

Manuel Nobre.

---

(1) Desde 10-8-1948, data das posses dos Drs. António de Arruda Férrer Correia e Eduardo Henriques da Silva Correia nos lugares de professores catedráticos.

(2) 1.º assistente.



ESTABELECIMENTO  
DA FACULDADE DE DIREITO

INSTITUTO JURÍDICO

SECRETÁRIO

Vago (1).

2.º CONSERVADOR

L.º António Caetano da Luz Carvalho.

CATALOGADORES

Mário de Moura Vieira.

Mário da Silva e Sousa.

CONTÍNUO DE 1.ª CLASSE

Emílio Santiago.

CONTÍNUO DE 2.ª CLASSE

João Custódio dos Santos.

---

(1) Desde 22-4-1947, data da aposentação de José da Cruz.



# FACULDADE DE MEDICINA

## DIRECTOR

Dr. Álvaro Fernando de Novais e Sousa.

## SECRETÁRIO

Vago (1).

## BIBLIOTECÁRIO

Dr. Augusto Pais da Silva Vaz Serra.

## PESSOAL DOCENTE

### 1.º GRUPO

#### PROFESSORES CATEDRÁTICOS

*Anatomia Descritiva* — Dr. Maximino José de Moraes Correia.  
*Histologia Geral e Especial e Embriologia* — Vago (2).

#### PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS

Dr. Armando Tavares de Sousa.  
Vago um lugar (3):

#### ASSISTENTES

*Anatomia Descritiva* — L.<sup>do</sup> Herménio Cardoso Inácio.  
*Histologia* — L.<sup>do</sup> Fernando José Máchuca Leite Pereira de Seabra da Veiga Magalhães.

---

(1) Desde 4-7-1951, termo do biénio de exercício do Dr. Egídio Costa Aires de Azevedo.

(2) Desde 23-8-1941, data do falecimento do Dr. Geraldino da Silva Baltazar Brites.

(3) Desde 26-8-1927, data da posse do Dr. Maximino José de Moraes Correia no lugar de professor catedrático.

## 2.º GRUPO

## PROFESSORES CATEDRÁTICOS

*Fisiologia Geral e Especial* — Vago (1).

*Farmacologia* — Dr. Feliciano Augusto da Cunha Guimarães.

## PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS

Dr. João de Oliveira e Silva.

Vago um lugar (2).

## ASSISTENTES

*Fisiologia* — L.<sup>do</sup> Carlos Alberto Alvim Dias e Costa.

*Farmacologia* — Dr. João José Lobato Guimarães (3).

## 3.º GRUPO

## PROFESSOR CATEDRÁTICO

*Patologia Geral* — Vago (4).

## PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (2).

## ASSISTENTES

*Patologia Geral* — L.<sup>do</sup> Renato de Azevedo Correia Trincão.

*Anatomia Patológica Geral e Especial* — L.<sup>do</sup> Miguel Marques da Fonseca Barata.

## 4.º GRUPO

## PROFESSOR CATEDRÁTICO

*Medicina Legal* — Dr. Fernando Duarte Silva de Almeida Ribeiro.

## PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (5).

- 
- (1) Desde 26-3-1945, data da aposentação do Dr. João Duarte de Oliveira.
  - (2) Nunca foi provido.
  - (3) 1.º assistente.
  - (4) Desde 8-12-1942, data do falecimento do Dr. João Marques dos Santos.
  - (5) Desde 21-4-1942, data do falecimento do Dr. Alberto Cupertino Pessoa.

## ASSISTENTE

*Medicina Legal* — Dr. Luís Augusto Duarte Santos (1).

## 5.º GRUPO

## PROFESSORES CATEDRÁTICOS

*Bacteriologia e Parasitologia* — Vago (2).  
*Higiene* — Dr. António Meliço Silvestre.

## PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS

Vagos dois lugares (3).

## ASSISTENTES

*Bacteriologia e Parasitologia* — Dr. Henrique de Oliveira (1).  
*Higiene* — Dr. Francisco António Gonçalves Ferreira (1).

## 6.º GRUPO

## PROFESSORES CATEDRÁTICOS

*Propedêutica Médica* — Dr. Egídio Costa Aires de Azevedo  
*Patologia Médica* — Dr. Augusto Pais da Silva Vaz Serra.  
*Clínica Médica* — Dr. Alberto Moreira da Rocha Brito.  
*Terapêutica Médica Clínica* — Dr. João Maria Porto.  
*Pediatria* — Dr. Lúcio de Almeida.

## PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS

Dr. Manuel Joaquim Bruno da Costa (*contratado*) (4).  
 Dr. Mário Simões Trincão (*contratado*) (5).

---

(1) 1.º assistente.

(2) Desde 13-11-1945, data do falecimento do Dr. Afonso Augusto Pinto Ponce de Leão.

(3) Um desde 12-8-1931, data da posse do Dr. Afonso Augusto Pinto Ponce de Leão no lugar de professor catedrático. O outro desde 7-4-1941, data da posse do Dr. António Meliço Silvestre no lugar de professor catedrático.

(4) (5) Os últimos provimentos efectivos destes lugares pertenceram aos Drs. Lúcio de Almeida e Augusto Pais da Silva Vaz Serra, que em 17-6-1942 tomaram posse dos lugares de professores catedráticos.

## ASSISTENTES

- Propedêutica Médica* — L.<sup>do</sup> José de Gouveia Monteiro.  
*Patologia Médica* { Dr. Manuel dos Santos Silva (1) (2).  
 L.<sup>do</sup> Artur Barbosa Leitão (3).  
 L.<sup>do</sup> Mário Eduardo Tavares de Sousa.  
*Clinica Médica* { L.<sup>do</sup> Manuel Miranda Ramos Lopes.  
 Dr. José Monteiro Lopes do Espírito Santo (1)  
*Terapêutica Médica Clínica* — Dr. Joaquim Antunes de Azevedo (1).  
*Pediatria* — L.<sup>do</sup> Justino Girão.

## 7.º GRUPO

## PROFESSORES CATEDRÁTICOS

- Medicina Operatória e Técnica Cirúrgica* — Dr. João Emilio Raposo de Magalhães (4).  
*Patologia Cirúrgica Geral e Especial* — Dr. Luís António Martins Raposo.  
*Clinica Cirúrgica* — Dr. Fernando Baeta Bissaia Barreto Rosa.

## PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS

- Dr. Luís Augusto de Moraes Zamith.  
 Dr. José Bacalhau.  
 Vago um lugar (5).

## ASSISTENTES

- Medicina Operatória e Técnica Cirúrgica* — L.<sup>do</sup> Luís Fernandes Dantas.  
*Patologia Cirúrgica Geral e Especial* { L.<sup>do</sup> Anísio Ferreira de Andrade.  
 L.<sup>do</sup> Luís José Moreira Martins Raposo.  
 Vago um lugar (6).  
*Clinica Cirúrgica* — Vagos dois lugares (7).

- 
- (1) 1.º assistente.  
 (2) Em comissão de serviço no Hospital Colónia Rovisco Pais.  
 (3) Exerce estas funções no impedimento do Dr. Manuel dos Santos Silva.  
 (4) Vid. nota (4) da pág. 42.  
 (5) Nunca teve provimento efectivo. Últimamente desempenhou como contratado estas funções até 13-7-1950 o Dr. António Nunes da Costa.  
 (6) Desde 6-5-1949, termo do contrato do L.<sup>do</sup> Alexandre da Silva.  
 (7) Desde 14-4-1949, termo dos contratos dos L.<sup>dos</sup> José Dinis Vieira e Manuel Montezuma Dinis de Carvalho.

## 8.º GRUPO

## PROFESSORES CATEDRÁTICOS

*Obstetricia* — Dr. Álvaro Fernando de Novais e Sousa.  
*Ginecologia* — Vago (1).

## PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (2).

## ASSISTENTES

*Obstetricia* — { Dr. Albertino da Costa Barros (3).  
 { Vago um lugar (4).  
*Ginecologia* — L.º João Martinho Moreno Pinheiro.

## 9.º GRUPO

## PROFESSORES CATEDRÁTICOS

*Psiquiatria* — Dr. José Augusto Correia de Oliveira.  
*Neurologia* — Vago (5).

## PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (6).

## ASSISTENTE

*Psiquiatria* } L.º António Henrique de Elias Nunes Vicente.  
*Neurologia* }

\* \* \*

## PESSOAL CONTRATADO ALÉM DO QUADRO

Dr. Michel Mosinger, *professor para a regência da cadeira de Anatomia Patológica Geral e Especial.*

Dr. António Manso da Cunha Vaz, *assistente para o 7.º grupo* (3).

(1) Desde 23-12-1950, data da aposentação do Dr. Álvaro de Almeida Matos.

(2) Desde 23-4-1945, data da posse do Dr. Luís António Martins Raposo no lugar de professor catedrático.

(3) 1.º assistente.

(4) Desde 30-3-1949, termo do contrato do L.º Francisco Manuel Santos de Ibérico Nogueira.

(5) Desde 15-7-1948, data da posse do Dr. José Augusto Correia de Oliveira no lugar de professor catedrático de Psiquiatria.

(6) Desde 9-2-1945, data da posse do Dr. José Augusto Correia de Oliveira no lugar de professor catedrático.

L.<sup>do</sup> Armando Antémio Machado Simões de Carvalho, *assistente para o 1.<sup>o</sup> grupo.*

L.<sup>do</sup> Leovigildo dos Santos Albuquerque, *assistente para o 5.<sup>o</sup> grupo.*

L.<sup>do</sup> Fernando Andrade Cardoso de Figueiredo, *assistente para o 2.<sup>o</sup> grupo.*

\*

#### PROFESSORES CATEDRÁTICOS APOSENTADOS

Dr. Elísio de Azevedo e Moura.

Dr. Álvaro de Almeida Matos.

\* \* \*

### PESSOAL TÉCNICO, AUXILIAR E MENOR

#### CHEFES DE SERVIÇOS

L.<sup>do</sup> Alberto Silvano de Moura e Sá (1).

L.<sup>do</sup> José Dias Serra Pratas (2).

#### 2.<sup>o</sup> CONSERVADOR

Hermano Ribeiro Arrobas (3).

#### ANALISTAS

L.<sup>da</sup> Maria Ernestina Freire Falcão Nunes Garcia (4).

José da Silva Lopes Júnior (4).

#### PREPARADOR-CONSERVADOR

Dr. (\*) Elísio Gonçalves Rama (5).

#### PREPARADORES

L.<sup>do</sup> Fausto Mendes Ferreira Pimentel (6).

Álvaro de Almeida Santos (7).

- 
- (1) Em serviço no Laboratório de Microbiologia.
  - (2) Idem no Laboratório de Química Biológica e Físico-Química.
  - (3) Idem na Biblioteca da Faculdade.
  - (4) Idem no Laboratório de Microbiologia.
  - (5) Idem no Laboratório de Anatomia.
  - (6) Idem no Laboratório de Medicina Operatória.
  - (7) Idem no Instituto de Patologia Geral.
  - (\*) Título profissional.

Benjamim Marques dos Santos (1).  
Manuel José Pereira Roque (2).

## AJUDANTE DE PREPARADOR

José Martins Chorão Vinhas (3).

## CATALOGADOR

Guida Salomé Videira Martins (4).

## BEDEL

Álvaro Ferreira da Silva (5).

## FOTÓGRAFO (6)

Vago (7).

CONTÍNUOS DE 1.<sup>A</sup> CLASSE

Albino Cardoso (8).  
Ismael Teixeira de Sá (9).  
Raul de Carvalho (10).  
Fernando da Cunha Rocha (11).  
António Francisco (12).  
Raul de Oliveira (13).

CONTÍNUOS DE 2.<sup>A</sup> CLASSE

Celestino Carvalheira (14).  
António Lopes Letra (12).

- 
- (1) Em serviço no Laboratório de Microbiologia.
  - (2) Idem no Instituto de Fisiologia e Química Fisiológica.
  - (3) Idem no Instituto de Farmacologia e Terapêutica Experimental.
  - (4) Idem no Instituto de Histologia e Embriologia.
  - (5) Atingido pelo limite de idade em 28-1-1951.
  - (6) Adstrito ao Instituto de Histologia e Embriologia.
  - (7) Desde 1-5-1945, data da colocação na situação de licença ilimitada de Maria Hermínia dos Santos Viegas de Seabra.
  - (8) Em serviço no Instituto de Fisiologia e Química Fisiológica.
  - (9) Idem no Instituto de Farmacologia e Terapêutica Experimental.
  - (10) Idem no Instituto de Higiene.
  - (11) Idem na Biblioteca da Faculdade.
  - (12) Idem no Laboratório de Anatomia.
  - (13) Idem no Laboratório de Medicina Operatória.
  - (14) Idem no Laboratório de Microbiologia.

Augusto Lopes (1).  
Manuel Girão Torres Plácido (2).  
José Rodrigues (3).

- 
- (1) Em serviço no Laboratório de Anatomia.  
(2) Idem no Instituto de Histologia e Embriologia.  
(3) Idem no Instituto de Anatomia Patológica.

# ESTABELECIMENTOS DA FACULDADE DE MEDICINA

## LABORATÓRIO DE ANATOMIA

DIRECTOR

*O professor catedrático da cadeira de Anatomia Descritiva, Dr. Maximino José de Moraes Correia.*

## INSTITUTO DE HISTOLOGIA E EMBRIOLOGIA

*(Instituto de investigação científica)*

DIRECTOR

Dr. Lúcio de Almeida (1).

## INSTITUTO DE FISIOLOGIA E QUÍMICA FISIOLÓGICA

DIRECTOR

Dr. Lúcio de Almeida.

## LABORATÓRIO DE MEDICINA OPERATÓRIA

DIRECTOR

*O professor catedrático do 7.º grupo, Dr. Fernando Baeta Bissaia Barreto Rosa (2).*

## LABORATÓRIO DE MICROBIOLOGIA

DIRECTOR

*O professor catedrático da cadeira de Bacteriologia e Parasitologia, Dr. António Meliço Silvestre.*

---

(1) Art. 141.º, § único, do Regulamento da Faculdade.

(2) Cf. nota (4) da pág. 42 quanto ao impedimento do professor catedrático da cadeira de Medicina Operatória e Técnica Cirúrgica.

INSTITUTO DE FARMACOLOGIA  
E TERAPÊUTICA EXPERIMENTAL

(*Instituto de investigação científica*)

DIRECTOR

*O professor catedrático da cadeira de Farmacologia, Dr. Feliciano Augusto da Cunha Guimarães (1).*

INSTITUTO DE ANATOMIA PATOLÓGICA

(*Instituto de investigação científica*)

DIRECTOR

*O professor encarregado da regência da cadeira de Anatomia Patológica, Dr. Augusto Pais da Silva Vaz Serra (1).*

PREPARADORES

L.<sup>da</sup> Micaela Marques Proença.

L.<sup>do</sup> José de Oliveira Firmo.

AJUDANTE DE PREPARADOR (2)

Vago (3).

DACTILÓGRAFO (2)

Maria Manuela Tavares Rocha.

INSTITUTO DE PATOLOGIA GERAL

(*Instituto de investigação científica*)

DIRECTOR

Dr. António Meliço Silvestre (1).

LABORATÓRIO DE RADIOLOGIA

DIRECTOR

*O professor catedrático da cadeira de Propedêutica Médica, Dr. Egídio Costa Aires de Azevedo.*

---

(1) Art. 141.º, § único, do Regulamento da Faculdade.

(2) Provimento nos termos do Decreto-Lei n.º 32.687, de 20 de Fevereiro de 1943.

(3) Desde 1-7-1948, data da rescisão do contrato do L.<sup>do</sup> João Nunes Novo.

## CHEFE DE SERVIÇOS

Dr. (\*) António Fernandes Ramalho.

## PREPARADOR

L.<sup>do</sup> Manuel Vieira de Carvalho.

## MONTADOR DE MÁQUINAS

Américo Fernandes.

## LABORATÓRIO DE ELECTROLOGIA

## DIRECTOR

*O professor catedrático encarregado da regência da cadeira de Neurologia,*  
Dr. José Augusto Correia de Oliveira.

## CHEFE DE SERVIÇOS

L.<sup>do</sup> Alberto de Mesquita.

CONTÍNUO DE 1.<sup>a</sup> CLASSE

Delfina Dias.

LABORATÓRIO DE QUÍMICA BIOLÓGICA  
E FÍSICO-QUÍMICA

## DIRECTOR

Dr. Augusto Pais da Silva Vaz Serra.

## ANALISTA

Basilio Alves Pereira de Mesquita.

## PREPARADOR

L.<sup>do</sup> Adolfo César de Mesquita.

## INSTITUTO DE HIGIENE

## DIRECTOR

Dr. António Meliço Silvestre.

---

(\*) Título profissional.

CHEFE DE SERVIÇOS

L.<sup>do</sup> José Pais Ribeiro.

PREPARADOR

Armando Mendes Ferreira.

ASPIRANTE

Fernando Augusto Barata Gordo.

SERVENTUÁRIO DE 1.<sup>a</sup> CLASSE

Virgílio Pires da Silva.

LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS

DIRECTOR

Dr. Alberto Moreira da Rocha Brito (1).

CHEFE DE SERVIÇOS

L.<sup>do</sup> Mário da Silva Mendes.

ANALISTAS

L.<sup>do</sup> António José de Moura Bastos Júnior.

L.<sup>do</sup> Mário dos Santos Carvalho.

PREPARADORES

João Martins da Fonseca Viegas.

Vago um lugar (2).

CONTÍNUO DE 1.<sup>a</sup> CLASSE

António de Carvalho.

LABORATÓRIO DE CLÍNICA CIRÚRGICA

DIRECTOR

*O professor catedrático da cadeira de Clínica Cirúrgica, Dr. Fernando Baeta Bissaia Barreto Rosa.*

---

(1) Decreto n.º 24.570, de 18 de Outubro de 1934.

(2) Desde 3-2-1949, data do falecimento de José de Moura Vieira.

## ANALISTA

L.<sup>do</sup> José Nunes da Costa.

## PREPARADOR

Vago (1).

CONTÍNUO DE 1.<sup>a</sup> CLASSE

Mário Fernandes Dias.

## INSTITUTO DO RÁDIO (SECÇÃO MÉDICA)

## DIRECTOR (2)

## INSTITUTO DE MEDICINA LEGAL (3)

## DIRECTOR

*O professor catedrático da cadeira de Medicina Legal, Dr. Fernando Duarte Silva de Almeida Ribeiro.*

## HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE (4)

## DIRECTOR

*O professor catedrático da Faculdade de Medicina, Dr. João Maria Porto.*

## CLÍNICAS DA FACULDADE

## CLÍNICA DE PROPEDÊUTICA MÉDICA

## DIRECTOR

*O professor catedrático da cadeira de Propedêutica Médica, Dr. Egídio Costa Aires de Azevedo.*

---

(1) Desde 9-5-1949, data da posse de José da Silva Lopes Júnior no lugar de analista da Faculdade.

(2) Não está provido o cargo.

(3) Regulamento da Faculdade, arts. 138.º e 139.º.

(4) *Ib.*, art. 143.º.

## CLÍNICA DE PATOLOGIA MÉDICA

DIRECTOR

*O professor catedrático da cadeira de Patologia Médica, Dr. Augusto Pais da Silva Vaz Serra.*

## CLÍNICA MÉDICA

DIRECTOR

*O professor catedrático da cadeira de Clínica Médica, Dr. Alberto Moreira da Rocha Brito.*

## CLÍNICA DE TERAPÊUTICA MÉDICA

DIRECTOR

*O professor catedrático da cadeira de Terapêutica Médica Clínica, Dr. João Maria Porto.*

## CLÍNICA DE MOLÉSTIAS INFECCIOSAS

DIRECTOR

*O professor extraordinário encarregado da regência da cadeira de Clínica de Moléstias Infecciosas, Dr. Manuel Joaquim Bruno da Costa.*

## CLÍNICA DE DOENÇAS DE CRIANÇAS

DIRECTOR

*O professor catedrático da cadeira de Pediatria, Dr. Lúcio de Almeida.*

## CLÍNICA DE DERMATOLOGIA E SIFILIGRAFIA

DIRECTOR

*O professor extraordinário encarregado da regência da cadeira de Dermatologia e Sifiligrafia, Dr. Mário Simões Trincão.*

## CLÍNICA DE TÉCNICA CIRÚRGICA

DIRECTOR

*O professor catedrático encarregado da regência da cadeira de Medicina Operatória e Técnica Cirúrgica, Dr. Fernando Baeta Bissaia Barreto Rosa.*

## CLÍNICA DE PATOLOGIA CIRÚRGICA

DIRECTOR

*O professor catedrático da cadeira de Patologia Cirúrgica Geral e Especial,*  
Dr. Luís António Martins Raposo.

## CLÍNICA CIRÚRGICA

DIRECTOR

*O professor catedrático da cadeira de Clínica Cirúrgica,* Dr. Fernando  
Baeta Bissaia Barreto Rosa.

## CLÍNICA OFTALMOLÓGICA

DIRECTOR

*O 1.º assistente encarregado da regência do curso de Oftalmologia,*  
Dr. António Manso da Cunha Vaz.

## CLÍNICA UROLÓGICA

DIRECTOR

*O professor extraordinário encarregado da regência do curso de Urologia,*  
Dr. Luís Augusto de Moraes Zamith.

## CLÍNICA DR. DANIEL DE MATOS

(CLÍNICA OBSTÉTRICA)

DIRECTOR

*O professor catedrático da cadeira de Obstetrícia,* Dr. Álvaro Fernando  
de Novais e Sousa.

MAQUINISTA

Filipe dos Santos Pinto.

CONTÍNUO DE 1.ª CLASSE

Geremim Martins.

CLÍNICA GINECOLÓGICA

DIRECTOR

*O professor catedrático encarregado da regência da cadeira de Ginecologia,*  
Dr. Álvaro Fernando de Novais e Sousa.

CLÍNICA NEUROLÓGICA

DIRECTOR

*O professor catedrático encarregado da regência da cadeira de Neurologia,*  
Dr. José Augusto Correia de Oliveira.

SERVIÇOS DE ESTOMATOLOGIA

CHEFE DE SERVIÇOS

L.<sup>do</sup> David Martins Baptista.

LABORATÓRIO DE ORTOPEDIA

CHEFE DE SERVIÇOS

L.<sup>do</sup> João Perestrelo de Alarcão e Silva.

# FACULDADE DE CIÊNCIAS

## DIRECTOR

Dr. João Pereira da Silva Dias.

## SECRETÁRIO

Dr. João Manuel Cotelo Neiva.

## BIBLIOTECÁRIO

Vago (1).

## PESSOAL DOCENTE

### 1.<sup>a</sup> SECÇÃO

## CIÊNCIAS MATEMÁTICAS

### 1.<sup>o</sup> Grupo — Análise e Geometria

#### PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. João Pereira Dias.

Dr. Manuel Marques Esparteiro.

Dr. Luís Beda de Sousa Tavares Neto.

#### PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (2).

#### ASSISTENTES

L.<sup>do</sup> José Joaquim Dionísio.

L.<sup>do</sup> José Bayolo Pacheco de Amorim.

---

(1) Desde 17-3-1942, termo do biénio de exercício do Dr. Manuel Marques Esparteiro.

(2) Desde 16-7-1948, data da posse do Dr. Luís Beda de Sousa Tavares Neto no lugar de professor catedrático.

## 2.º Grupo — Mecânica e Astronomia

## PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. Diogo Pacheco de Amorim.

Dr. Manuel dos Reis.

Vago um lugar (1).

## PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (2).

## ASSISTENTES

Dr. Gumersindo Sarmiento da Costa Lobo (3).

L.º Manuel Neto Murta.

## 2.ª SECÇÃO

## CIÊNCIAS FÍSICO-QUÍMICAS

## 1.º Grupo — Física

## PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. João Rodrigues de Almeida Santos.

Vago um lugar (4).

## PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (5).

## ASSISTENTES

L.º Luís Paulo Manuel de Meneses e Melo Vaz de Sampaio.

L.ª Maria Amália de Freitas Tavares.

L.ª Maria Alice Furtado Alves.

## 2.º Grupo — Química

## PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. Rui Gustavo Couceiro da Costa.

Dr. António Jorge Andrade de Gouveia.

---

(1) Desde 25-11-1938, data da aposentação do Dr. Francisco Miranda da Costa Lobo.

(2) Desde 12-6-1929, data da exoneração do B.º José Antunes Vaz Serra.

(3) 1.º assistente. Provimento definitivo.

(4) Desde 2-4-1948, data da aposentação do Dr. Mário Augusto da Silva.

(5) Desde 1-9-1948, data da posse do Dr. João Rodrigues de Almeida Santos no lugar de professor catedrático.

## PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Dr. Fernando Pinto Coelho.

## ASSISTENTES

B.<sup>el</sup> Américo Viana de Lemos (1).Eng.<sup>o</sup> José Marques Pinto Pereira.

Vago um lugar (2).

3.<sup>a</sup> SECÇÃO

## CIÊNCIAS HISTÓRICO-NATURAIS

1.<sup>o</sup> Grupo — Mineralogia e Geologia

## PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. José Custódio de Morais.

Dr. João Manuel Coteló Neiva.

## PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (3).

## ASSISTENTES

Dr. Gaspar Soares de Carvalho (4).

L.<sup>do</sup> Miguel Montenegro de Andrade.2.<sup>o</sup> Grupo — Botânica

## PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. Abílio Fernandes.

Vago um lugar (5).

## PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (6).

- 
- (1) Provimento definitivo.
  - (2) Desde 9-4-1951, termo do contrato do L.<sup>do</sup> Alfredo da Purificação Gouveia.
  - (3) Desde 22-3-1948, data do falecimento do B.<sup>el</sup> Miguel Marcelino Ferreira de Moura.
  - (4) 1.<sup>o</sup> assistente.
  - (5) Desde 14-6-1937, data do falecimento do Dr. Luís Wittnich Carrisso.
  - (6) Desde 25-6-1942, data da posse do Dr. Abílio Fernandes no lugar de professor catedrático.

## ASSISTENTES

Dr. José de Barros Neves (1).  
Vago um lugar (2).

## 3.º Grupo — Zoologia e Antropologia

## PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. José Antunes Serra.  
Vago um lugar (3).

## PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (4).

## ASSISTENTES

Dr. Alberto Xavier da Cunha Marques (1).  
L.<sup>da</sup> Maria Deolinda Linhares Marini de Araújo Abreu.  
L.<sup>da</sup> Rolanda Maria Albuquerque de Matos.

\* \* \*

## CADEIRAS E CURSOS ANEXOS

## CADEIRAS E CURSOS DE DESENHO

## PROFESSORES

L.<sup>do</sup> Luís Guilherme Mendonça de Albuquerque.  
L.<sup>do</sup> Rodrigo Faro de Albuquerque Fonseca.

## CURSO DE GEOGRAFIA MATEMÁTICA (5)

\* \* \*

## PESSOAL CONTRATADO ALÉM DO QUADRO

Dr. Ernst Matthes, *professor para a regência de cadeiras de Zoologia.*  
L.<sup>do</sup> Francisco Martinez Garcia, *assistente para o 2.º grupo, 2.ª secção.*  
L.<sup>da</sup> Magda Mercedes Moscoso Botelho, *assistente para o 2.º grupo, 3.ª secção.*

(1) 1.º assistente.

(2) Desde 1-5-1951, data da rescisão do contrato do L.<sup>do</sup> Orlando Marques de Almeida Mendes.

(3) Desde 21-8-1950, data da aposentação do Dr. Eusébio Barbosa Tamagnini de Matos Encarnação.

(4) Desde 27-7-1950, data da posse do Dr. José Antunes Serra no lugar de professor catedrático.

(5) Regido pelo Dr. Luís Beda de Sousa Tavares Neto.

- L.<sup>do</sup> Manuel Alves da Silva, *assistente para o 2.<sup>o</sup> grupo, 2.<sup>a</sup> secção.*  
 L.<sup>do</sup> Joaquim Anacoreta Correia, *assistente para o 2.<sup>o</sup> grupo, 2.<sup>a</sup> secção.*  
 L.<sup>da</sup> Maria Esmeralda Leite Rainho, *assistente para o 1.<sup>o</sup> grupo, 2.<sup>a</sup> secção.*  
 L.<sup>do</sup> Alberto Vaz Cunha Simões da Silva, *assistente para o 2.<sup>o</sup> grupo, 1.<sup>a</sup> secção.*  
 L.<sup>do</sup> João José Lopes Farinha, *assistente para o 1.<sup>o</sup> grupo, 1.<sup>a</sup> secção.*  
 L.<sup>do</sup> Luís Gonçalves da Silva, *assistente para o 1.<sup>o</sup> grupo, 2.<sup>a</sup> secção.*

\*

### PROFESSORES CATEDRÁTICOS APOSENTADOS

- Dr. Aurélio Pereira da Silva Quintanilha.  
 Dr. Mário Augusto da Silva.  
 Dr. Anselmo Ferraz de Carvalho.  
 Dr. Eusébio Barbosa Tamagnini de Matos Encarnação.

\* \* \*

### PESSOAL TÉCNICO, AUXILIAR E MENOR

#### DESENHADOR DE 2.<sup>a</sup> CLASSE

José dos Santos Figueira.

#### BEDEL DA 1.<sup>a</sup> SECÇÃO

Manuel Gonçalves.

#### BEDEL DAS 2.<sup>a</sup> E 3.<sup>a</sup> SECÇÕES

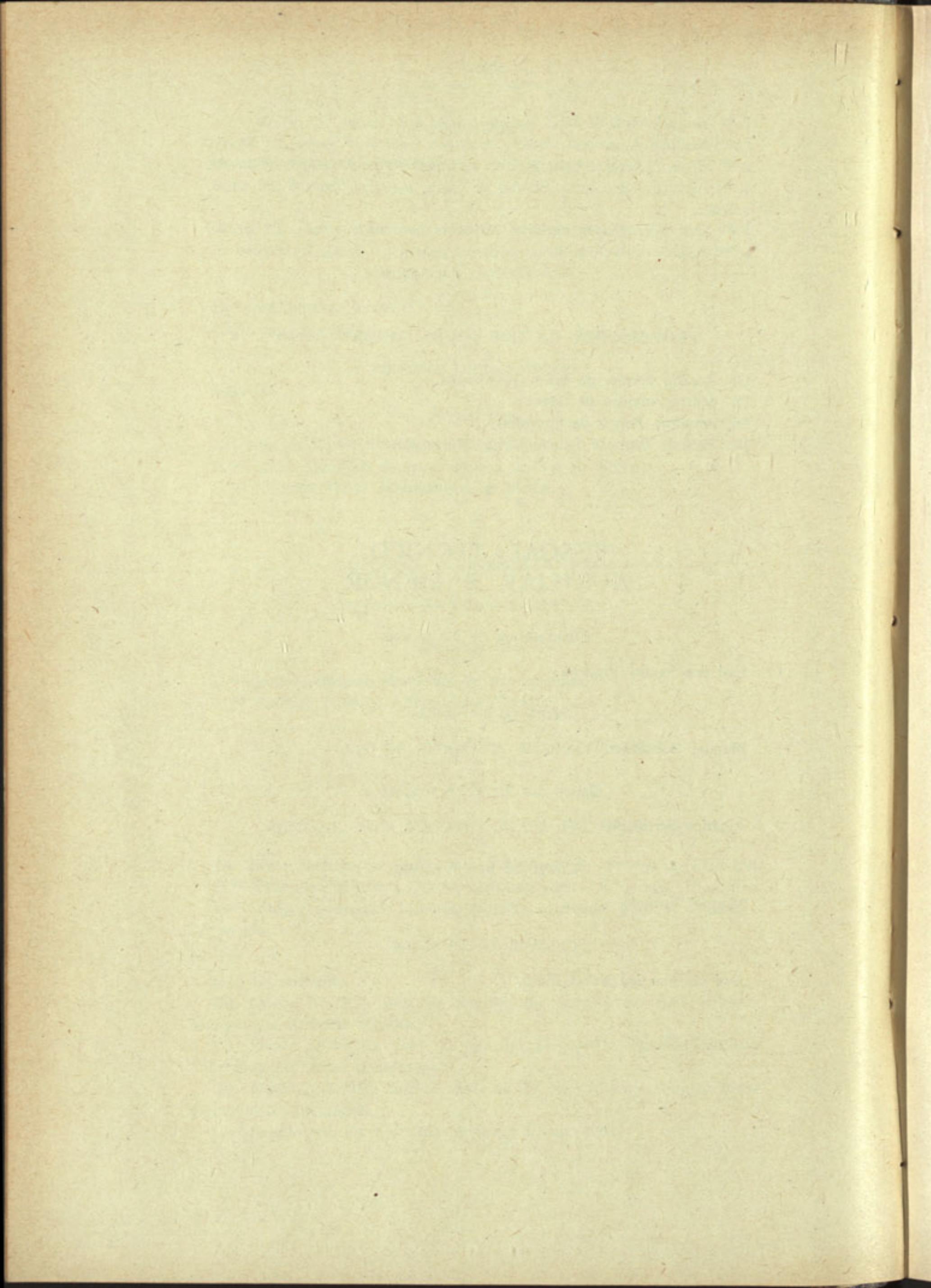
Américo Sarmento.

#### CONTÍNUO DE 1.<sup>a</sup> CLASSE

Manuel António.

#### CONTÍNUO DE 2.<sup>a</sup> CLASSE

José Gaspar das Neves Pinto.



# ESTABELECIMENTOS DA FACULDADE DE CIÊNCIAS

## LABORATÓRIO DE FÍSICA

### DIRECTOR

Dr. João Rodrigues de Almeida Santos.

### PREPARADOR-CONSERVADOR

L.<sup>do</sup> José Lopes Cristo.

### PREPARADOR

Francisco Correia Galvão Júnior.

### MAQUINISTA

Danilo Gonçalves da Costa.

### CONTÍNUO DE 1.<sup>A</sup> CLASSE

Fausto Tavares

### GUARDA DE 2.<sup>A</sup> CLASSE

António Paulo.

## LABORATÓRIO QUÍMICO

### DIRECTOR

Dr. Rui Gustavo Couceiro da Costa.

### ANALISTA

L.<sup>do</sup> António Simões da Silva.

### PREPARADOR-CONSERVADOR

Francisco Maria Coimbra.

### CONTÍNUO DE 1.<sup>A</sup> CLASSE

Belmiro França.

### CONTÍNUO DE 2.<sup>A</sup> CLASSE

Arménio da Costa Figo.

## SERVENTE

José França.

## MUSEU E LABORATÓRIO MINERALÓGICO E GEOLÓGICO

## DIRECTOR

Dr. João Manuel Cotelo Neiva.

## NATURALISTA

L.<sup>do</sup> António Duarte Guimarães.

## AUXILIAR DE NATURALISTA

José Vitorino de Seiça Santos.

## PREPARADOR

Amadeu Ferreira.

## AJUDANTE DE PREPARADOR

L.<sup>do</sup> Júlio José Fernandes Costa de Carvalho Reis TorgalCOLECTOR DE 1.<sup>A</sup> CLASSE

António Martins Pais.

CONTÍNUO DE 1.<sup>A</sup> CLASSE

Alberto Dinis da Fonseca.

## INSTITUTO BOTÂNICO DR. JÚLIO HENRIQUES

*(Museu, Laboratório e Jardim Botânico)*

## DIRECTOR

Dr. Abílio Fernandes.

## NATURALISTA

L.<sup>do</sup> Francisco de Ascensão Mendonça (1).L.<sup>da</sup> Rosete Mercedes Saraiva Batarda (2).

---

(1) Em comissão de serviço na Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar.

(2) No exercício interino destas funções durante o impedimento do respectivo titular.

## AUXILIARES DE NATURALISTA

José da Silva.  
Francisco de Sousa.

## PREPARADOR

Aníbal Sail Sarmento

## CATALOGADOR

Francisco Cabral Júnior.

## JARDINEIRO-CHEFE

Joaquim dos Santos Pires.

## JARDINEIRO-SUBCHEFE

Augusto Gonçalves.

## MUSEU E LABORATÓRIO ZOOLOGICO

## DIRECTOR

Dr. José Antunes Serra.

## NATURALISTAS

B.<sup>el</sup> António Armando Temido.  
B.<sup>el</sup> João Miguel Ladeiro.

## AUXILIAR DE NATURALISTA

Rogério Nogueira de Carvalho.

## PREPARADOR

Arnaldo Alves dos Santos.

## CATALOGADOR

Virgílio Nogueira de Carvalho.

COLECTOR DE 1.<sup>a</sup> CLASSE

Domingos Figueiredo de Noronha.

CONTÍNUO DE 1.<sup>a</sup> CLASSE

Luís Bastos Marques.

## MUSEU E LABORATÓRIO ANTROPOLÓGICO

## DIRECTOR

Dr. José Antunes Serra.

## ANTROPOMETRISTA

L.<sup>da</sup> Maria Augusta Maia Neto.

## AUXILIAR DE NATURALISTA

José Domingos dos Santos.

## PREPARADOR

António Dias Lourenço.

## SERVENTE

Eder Baptista Torres.

## OBSERVATÓRIO ASTRONÓMICO

## DIRECTOR

Dr. Manuel dos Reis.

## OBSERVADOR-CHEFE

L.<sup>do</sup> Francisco Alves Ferreira.2.<sup>o</sup> AJUDANTE DE OBSERVADOR

Adelino Pessoa.

## MAQUINISTA CONSERVADOR DE INSTRUMENTOS

Vago (1).

CONTÍNUO DE 1.<sup>a</sup> CLASSE

António Barata.

## INSTITUTO GEOFÍSICO

## DIRECTOR

Dr. José Custódio de Moraes.

## ARTÍFICE

Humberto Ribeiro da Cruz.

---

(1) Desde 14-9-1951, data do falecimento de Armando José Adriano.

CONTÍNUO DE 1.<sup>A</sup> CLASSE

Álvaro José Adriano.

INSTITUTO DO RÁDIO (SECÇÃO DE CIÊNCIAS)

DIRECTOR (1)

---

(1) Não está provido o cargo.



# ESCOLA DE FARMÁCIA

## DIRECTOR

L.<sup>do</sup> Guilherme de Barros e Cunha.

## SECRETÁRIO

Dr. Aloísio José de Carvalho Fernandes Costa.

## BIBLIOTECÁRIO

Dr. Aloísio José de Carvalho Fernandes Costa.

## PESSOAL DOCENTE

### PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS

L.<sup>do</sup> Guilherme de Barros e Cunha.

Dr. José Ramos Bandeira.

Dr. Aloísio José de Carvalho Fernandes Costa.

Vago um lugar (1).

### ASSISTENTES

Dr.<sup>a</sup> Maria Serpa dos Santos (2).

L.<sup>do</sup> José Baeta Cardoso do Vale (3).

\* \* \*

### PESSOAL CONTRATADO ALÉM DO QUADRO

L.<sup>do</sup> António Pinho Brojo, *assistente*.

\*

### PROFESSORES APOSENTADOS

Dr. Manuel José Fernandes Costa.

Dr. José Cipriano Rodrigues Dinis.

---

(1) Desde 26-12-1947, data da aposentação do Dr. José Cipriano Rodrigues Dinis.

(2) 1.<sup>o</sup> assistente.

(3) Com o título de professor agregado. 1.<sup>o</sup> assistente.

## PESSOAL TÉCNICO, AUXILIAR E MENOR

### PREPARADORES

L.<sup>do</sup> Francisco de Sousa Inês.  
L.<sup>da</sup> Maria da Assunção Mesquita de Abreu Castelo Branco.  
L.<sup>do</sup> André da Silva Campos Neves.  
Vago um lugar (1).

### BEDEL

Joaquim Bento de Oliveira e Costa.

### CONTÍNUO DE 1.<sup>A</sup> CLASSE

António Simões Henriques.

### CONTÍNUO DE 2.<sup>A</sup> CLASSE

Álvaro Pereira de Medina.

### SERVENTES

Luís Frias dos Santos.  
Camilo Lopes Rodrigues Coutinho.

---

(1) Desde 1-12-1947, data da rescisão do contrato da L.<sup>da</sup> Maria Cornélia Tenreiro Teles Grilo.

ESTABELECIMENTOS  
DA ESCOLA DE FARMÁCIA

LABORATÓRIO DE QUÍMICA FARMACÊUTICA

DIRECTOR

L.<sup>do</sup> Guilherme de Barros e Cunha.

LABORATÓRIO DE FARMACOGNOSIA

DIRECTOR

Dr. Aloísio José de Carvalho Fernandes Costa.

LABORATÓRIO DE FARMÁCIA GALÉNICA

DIRECTOR

Dr. José Ramos Bandeira.

LABORATÓRIO DE CRIPTOGAMIA E FERMENTAÇÕES

DIRECTOR

Dr. José Ramos Bandeira.



# INSTITUTO DE CLIMATOLOGIA E HIDROLOGIA



## CONSELHO

### PRESIDENTE

*O Reitor da Universidade*, Dr. Maximino José de Moraes Correia, professor catedrático da Faculdade de Medicina.

### VOGAIS

*O director do Instituto de Farmacologia e Terapêutica Experimental da Faculdade de Medicina*, Dr. Feliciano Augusto da Cunha Guimarães.

*O director do Laboratório de Química Biológica e Físico-Química da Faculdade de Medicina*, Dr. Augusto Pais da Silva Vaz Serra.

*O director do Laboratório de Microbiologia da Faculdade de Medicina*, Dr. António Meliço Silvestre.

*O director do Instituto do Rádio (Secção Médica)* (1).

*O director do Instituto de Higiene da Faculdade de Medicina*, Dr. António Meliço Silvestre.

*O director do Laboratório Químico da Faculdade de Ciências*, Dr. Rui Gustavo Couceiro da Costa.

*O director do Instituto do Rádio (Secção de Ciências)* (1).

*O director do Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências*, Dr. João Manuel Coteló Neiva.

*O director do Instituto Geofísico da Faculdade de Ciências*, Dr. José Custódio de Moraes.

*Os professores do Curso de Climatologia e Hidrologia:*

Dr. Alberto Moreira da Rocha Brito.  
Dr. Feliciano Augusto da Cunha Guimarães.  
Dr. Egídio Costa Aires de Azevedo.  
Dr. António Meliço Silvestre.  
Dr. José Custódio de Moraes.  
Dr. Rui Gustavo Couceiro da Costa.

---

(1) Não está provido o cargo.

## CURSO DE CLIMATOLOGIA E HIDROLOGIA (1)

## PROFESSORES

*Elementos de Química Analítica Hidrológica* — Dr. Rui Gustavo Couceiro da Costa.

*Elementos de Físico-Química Hidrológica* — Dr. Rui Gustavo Couceiro da Costa.

*Terapêutica Hidrológica e Climatérica* — Dr. Feliciano Augusto da Cunha Guimarães.

*Fisioterapia* — Dr. Egídio Costa Aires de Azevedo.

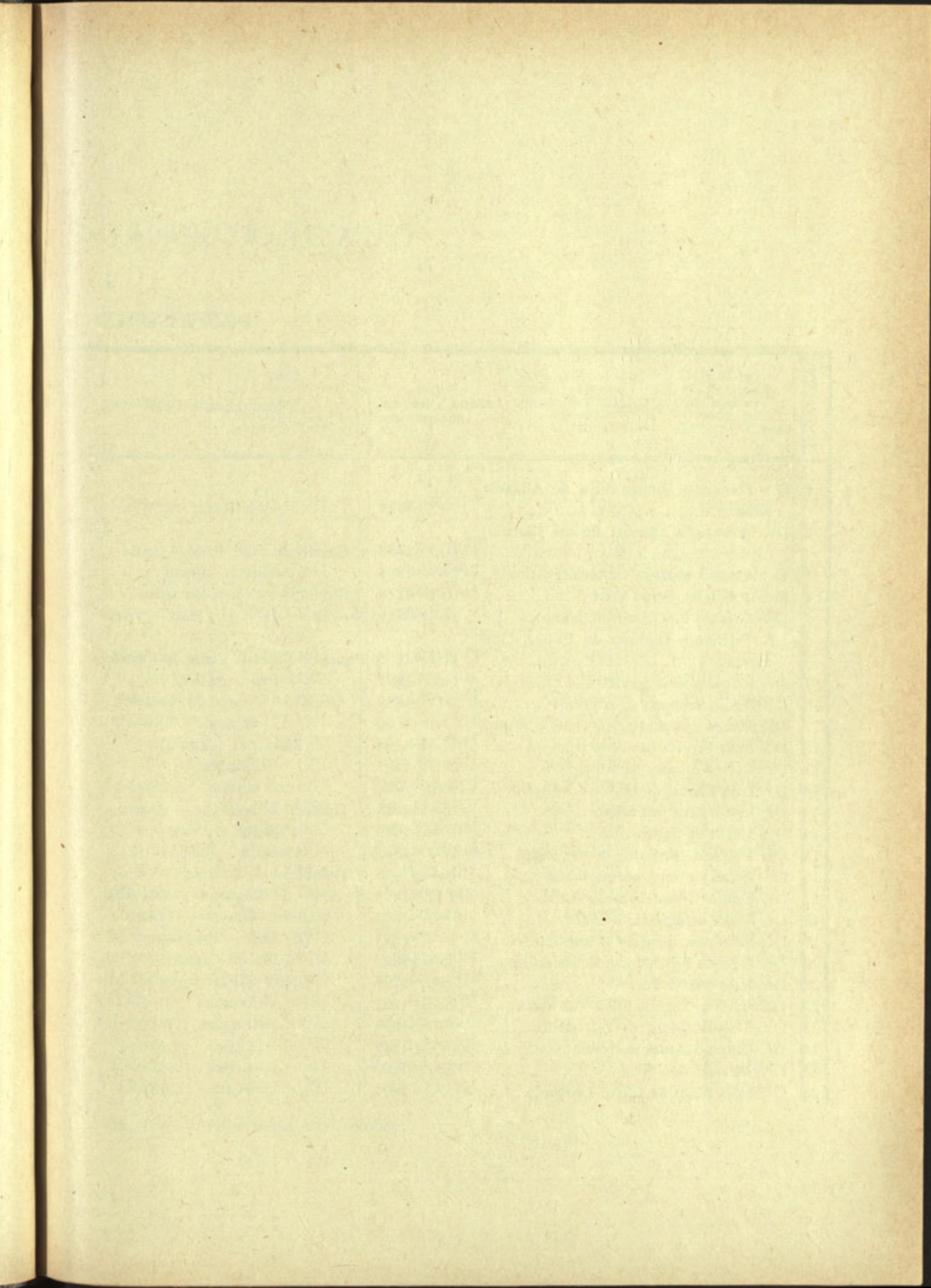
*Geologia e Captagem* — Dr. José Custódio de Moraes.

*Hidrologia Geral* — Dr. Alberto Moreira da Rocha Brito.

*Higiene Hidrológica e Climatérica* — Dr. António Meliço Silvestre.

---

(1) Funciona junto da Faculdade de Medicina (art. 3.º do Decreto n.º 18.568, de 7-7-1930 — *Diário do Governo*, I série, n.º 177, de 1 de Agosto de 1930).



# QUADRO GERAL

I

## PROFESSORES

N.º de ordem	Nomes	Data do nascimento	Naturalidade
1	Dr. Fernando Duarte Silva de Almeida Ribeiro .....	15-12.º-1884	Vila Real
2	Dr. Fernando Baeta Bissaia Barreto Rosa .....	29-10.º-1886	Castanheira de Pera — Leiria
3	Dr. Alberto Moreira da Rocha Brito ....	19-7.º-1885	Campinas — Brasil
4	Dr. Domingos Fézas Vital .....	10-1.º-1888	Caminha — Viana do Castelo
5	Dr. António de Oliveira Salazar .....	28-4.º-1889	Vimieiro — S.ª C. Dão — Viseu
6	Dr. Feliciano Augusto da Cunha Guimarães .....	31-7.º-1885	Ponte do Lima — Viana do Castelo
7	Dr. Joaquim de Carvalho .....	10-6.º-1892	Figueira da Foz
8	Dr. Diogo Pacheco de Amorim .....	7-11.º-1888	Monção — Viana do Castelo
9	Dr. Álvaro Fernando de Novais e Sousa..	7-5.º-1886	Braga
10	Dr. João Pereira da Silva Dias .....	17-3.º-1894	Marrazes — Leiria
11	Dr. Carlos Simões Ventura .....	29-3.º-1893	Coimbra
12	Dr. Luís Cabral de Oliveira Moncada ...	19-10.º-1888	Lisboa
13	Dr. José Beleza dos Santos .....	5-9.º-1885	Outeiro da Arrifana — Aveiro
14	Dr. Mário de Figueiredo .....	19-4.º-1890	Figueiró — Viseu
15	Dr. Ferrand Pimentel de Almeida .....	25-3.º-1885	Alenquer — Lisboa
16	Dr. Aristides de Amorim Girão .....	16-6.º-1895	Fataunços — Vouzela — Viseu
17	Dr. Egídio Costa Aires de Azevedo .....	19-12.º-1887	S. Pedro da Nogueira — Vila Real
18	Dr. José Custódio de Moraes .....	9-3.º-1890	Marinha Grande — Leiria
19	Dr. Maximino José de Moraes Correia ...	14-5.º-1893	Vila Flor — Bragança
20	Dr. João da Providência Sousa e Costa...	26-6.º-1893	Viana do Castelo
21	Dr. João Maria Porto .....	9-9.º-1891	Nisa — Portalegre
22	Dr. Adriano Pais da Silva Vaz Serra .....	22-5.º-1903	Coimbra
23	Dr. Manuel Marques Esparteiro .....	10-2.º-1893	Abrantes
24	Dr. Damião António Peres .....	8-7.º-1889	Lisboa
25	Dr. Manuel dos Reis .....	22-2.º-1900	Aveiro
26	Dr. João Pinto da Costa Leite .....	3-2.º-1905	Porto

# DOS PROFESSORES

## CATEDRÁTICOS

Faculdades	Data do 1.º despacho para o serviço docente universitário	Data da 1.ª posse	Data do despacho de professor (extraordinário, ordinário ou catedrático)	Data da posse de professor (extraordinário, ordinário ou catedrático)
Medicina	25-7.º-1911	8-8.º-1911	25-7.º-1911	8-8.º-1911
»	25-11.º-1911	16-12.º-1911	26-2.º-1916	13-3.º-1916
»	20-12.º-1911	8-1.º-1912	25-5.º-1917	4-6.º-1917
Direito	6-3.º-1915	20-3.º-1915	15-7.º-1916	25-1.º-1918
»	31-3.º-1917	28-4.º-1917	23-2.º-1918	19-4.º-1918
Medicina	20-12.º-1911	10-1.º-1912	25-3.º-1918	6-7.º-1918
Letras	12-8.º-1916	21-9.º-1916	5-11.º-1919	20-11.º-1919
Ciências	25-6.º-1912	13-7.º-1912	8-11.º-1919	12-12.º-1919
Medicina	20-12.º-1911	22-1.º-1912	29-5.º-1920	9-10.º-1920
Ciências	7-3.º-1913	4-4.º-1913	13-7.º-1921	25-7.º-1921
Letras	12-8.º-1916	21-9.º-1916	16-6.º-1923	26-7.º-1923
Direito	8-12.º-1923	31-12.º-1923	23-2.º-1924	1-4.º-1924
»	8-12.º-1923	31-12.º-1923	23-2.º-1924	1-4.º-1924
»	8-12.º-1923	31-12.º-1923	23-2.º-1924	1-4.º-1924
Letras	11-11.º-1916	29-11.º-1916	25-7.º-1925	6-8.º-1925
»	8-2.º-1918	23-2.º-1918	25-7.º-1925	9-8.º-1925
Medicina	21-8.º-1915	7-10.º-1915	11-8.º-1926	1-9.º-1926
Ciências	28-1.º-1913	12-2.º-1913	17-6.º-1927	4-7.º-1927
Medicina	13-12.º-1913	16-1.º-1914	8-8.º-1927	26-8.º-1927
Letras	11-11.º-1916	29-11.º-1916	15-8.º-1927	3-9.º-1927
Medicina	29-12.º-1923	16-1.º-1924	16-6.º-1928	30-6.º-1928
Direito	7-12.º-1926	5-1.º-1927	12-6.º-1929	27-6.º-1929
Ciências	24-3.º-1922	27-4.º-1922	17-1.º-1930	5-2.º-1930
Letras	11-3.º-1930(1)	2-5.º-1930	28-7.º-1931	30-7.º-1931
Ciências	4-5.º-1922	17-5.º-1922	5-5.º-1933	30-5.º-1933
Direito	22-9.º-1927	19-10.º-1927	18-6.º-1934	6-7.º-1934

(1) Para a Universidade de Coimbra.

N.º de ordem	Nomes	Data do nascimento	Naturalidade
27	Dr. Rui Gustavo Couceiro da Costa .....	8-1.º-1901	Praia — Cabo Verde
28	Dr. Manuel Augusto Domingues de Andrade .....	11-11.º-1899	Canelas — Estarreja — Aveiro
29	Dr. José Carlos Martins Moreira .....	25-8.º-1895	Porto
30	Dr. Fernando Andrade Pires de Lima ...	20-9.º-1906	S.º Tirso — Porto
31	Dr. José Joaquim Teixeira Ribeiro .....	4-10.º-1908	Fonte Arcada — Póvoa de Lanhoso — Braga
32	Dr. Francisco da Luz Rebelo Gonçalves..	15-11.º-1907	Santarém
33	Dr. Manuel Lopes de Almeida .....	16-8.º-1900	Benavente — Santarém
34	Dr. Lúcio de Almeida .....	15-4.º-1896	Sezures — P. do Castelo — Viseu
35	Dr. Augusto Pais da Silva Vaz Serra ....	5-6.º-1905	Coimbra
36	Dr. António Meliço Silvestre .....	30-1.º-1900	Freixedas — Pinhel — Guarda
37	Dr. Abílio Fernandes .....	19-10.º-1906	Maçainhas — Guarda
38	Dr. António Jorge Andrade de Gouveia..	8-6.º-1905	Guarda
39	Dr. José Augusto Correia de Oliveira ...	24-12.º-1895	S. Pedro do Sul — Viseu
40	Dr. Luís António Martins Raposo .....	18-5.º-1892	Caçarelhos — Bragança
41	Dr. Luís Beda de Sousa Tavares Neto ...	27-5.º-1898	S.º Antão — Évora
42	Dr. António de Arruda Ferrer Correia ....	15- 8.º-1912	Semide — Coimbra
43	Dr. Guilherme Braga da Cruz .....	11-6.º-1916	Braga
44	Dr. Afonso Rodrigues Queiró .....	9-7.º-1914	Tamengos — Anadia — Aveiro
45	Dr. Eduardo Henriques da Silva Correia..	1-10.º-1915	Lisboa
46	Dr. João Rodrigues de Almeida Santos..	19-3.º-1906	Viseu
47	Dr. João Manuel Coteló Neiva .....	18-2.º-1917	Porto
48	Dr. Manuel de Paiva Boléu .....	26-3.º-1904	Idanha-a-Nova — Castelo Branco
49	Dr. Álvaro Júlio da Costa Pimpão .....	23-11.º-1902	Coimbra
50	Dr. Arnaldo Miranda Casimiro Barbosa..	26-7.º-1916	Espinho — Aveiro
51	Dr. José Antunes Serra .....	5-1.º-1914	Vela — Guarda